



Paula Mariana Silva e Costa

O modelo de gestão da Biovilla Sustentabilidade

Relatório de estágio

Orientador: Andreia Moura;

Coorientador: Sara Proença

Versão provisória

Coimbra, 2019

Paula Mariana Silva e Costa

O modelo de gestão da Biovilla Sustentabilidade

Relatório de estágio apresentado à Escola Superior Agrária de
Coimbra para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de mestre em Ecoturismo

Orientador: Andreia Moura;

Coorientador: Sara Proença

Versão provisória

Coimbra, 2019

A nossa geração é aquela que poderá aproveitar o potencial da ciência e uma nova ética de cooperação global para legar um planeta saudável às gerações futuras.

Goldman Sachs

Agradecimentos

Os meus agradecimentos às Professoras Doutoras Andreia Moura e Sara Proença, pela sua orientação, recomendações e, acima de tudo, incentivo.

Gostaria de agradecer à equipa da Biovilla Sustentabilidade, que me possibilitou um conjunto de vivências que vão para sempre ficar na minha memória. Aos meus colegas de curso, pelo convívio, força e amizade.

Por último, agradecer à minha família, por me ter apoiado, e por me ter ensinado a encarar a vida não como um copo que está meio vazio, mas sim meio cheio.

Resumo

O presente relatório tem por base a realização de um estágio curricular, integrante do mestrado em Ecoturismo da Escola Superior Agrária de Coimbra do Instituto Politécnico de Coimbra, na Biovilla Sustentabilidade. O trabalho realizado teve como principais objetivos: a análise do modelo de sustentabilidade do projeto, com o intuito de compreender os princípios da sua gestão, que desafios enfrenta e quais as expectativas de futuro. A investigadora espera assim contribuir para o desenvolvimento deste projeto e ajudar a empreender a sua missão de sustentabilidade.

O estudo inicia-se com um enquadramento teórico acerca da temática da sustentabilidade e a forma esta se aplica no setor turístico. Segue-se a descrição do modelo de gestão da Biovilla Sustentabilidade e das atividades realizadas durante o estágio. De seguida, é conduzida uma análise SWOT do projeto. A última parte refere-se ao estudo empírico, sendo que os dados foram recolhidos por meio de entrevistas a membros da cooperativa e da equipa, de forma a perceber o seu modelo de gestão. Considerou-se, ainda, pertinente criar três guias: o guia de sustentabilidade da Biovilla, o guia de natureza da Biovilla, e o guia para a criação de projetos do mesmo género.

Palavras-chave: sustentabilidade, ecoturismo, educação ambiental, cooperativa, modelo de gestão, Biovilla.

Abstract

This report is based on the completion of a curricular internship, part of the master's degree in Ecotourism from the Coimbra Agricultural School of the Polytechnic Institute of Coimbra, at Biovilla Sustentabilidade. The main objectives of the project were: to analyze the sustainability model of the project, in order to understand the principles of its management, what challenges it faces and what its future prospects are. The researcher hopes to contribute to the development of this project and to help carry out its mission of sustainability.

The study begins with a theoretical framework about sustainability and how it can be applied in the tourism sector. Then the management model of Biovilla Sustainability is described, as well as activities carried out during the internship. A SWOT analysis of the project is then conducted. The last part refers to the empirical study, with data collected from the interviews with the members of the cooperative and the team, in order to perceive its management model. It was also considered pertinent to create three guides: Biovilla's sustainability guide, guide for the creation of projects of the same kind and Biovilla's nature guide.

Key-words: sustainability, ecotourism, environmental education, cooperative, management model, Biovilla.

Índice

Lista de abreviaturas	7
Lista de figuras	8
Lista de gráficos.....	9
Introdução.....	10
Parte I. Enquadramento teórico	12
Capítulo 1. Sustentabilidade e empreendimentos turísticos	13
Capítulo 2. Empreendimentos turísticos e certificações ambientais	16
Capítulo 3. A empresa de propriedade conjunta: Cooperativa	18
Parte II. Caracterização do estágio realizado	20
Capítulo 4. A Biovilla Sustentabilidade	20
4.1. Alimentação.....	22
4.2. Aprendizagem	23
4.3. Alojamento	24
4. 4. O Modelo de gestão da Biovilla Sustentabilidade	25
Capítulo 5. Atividades realizadas durante o estágio	31
Parte III. Estudo Empírico	37
Capítulo 6. Parque Natural da Serra da Arrábida	37
6. 1. O Clima	38
6. 2. Património Natural.....	39
6. 3. Produtos regionais	41
Capítulo 7. Objetivos e Metodologia.....	42
7.1. Instrumentos de recolha de dados.....	43
7. 2. Amostra	45
7. 3. Procedimentos	46
7.4. Análise de dados	47
Capítulo 8. Apresentação e discussão de resultados	47
8. 1. Sugestões e proposta de melhorias ao modelo de sustentabilidade	53
Conclusão.....	55
Referências Bibliográficas	58
Anexos	64

Anexo 1. Cronograma de realização de tarefas	65
Anexo 2. Guião das entrevistas	66
Anexo 3. Guia de sustentabilidade da Biovilla	67
Anexo 4. Guia para criar um projeto como a Biovilla	72
Anexo 5. Guia de Natureza da Biovilla	81
Anexo 6. Tabela-resumo das respostas das entrevistas	103

Lista de abreviaturas

ABAE – Associação Bandeira Azul da Europa

AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal

APA - Agência Portuguesa do Ambiente

CERTIF – Associação para a Certificação

CVRPS - Comissão Vitivinícola Regional da Península de Setúbal

DGADR - Direção-geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural

EMAS - Sistema Comunitário de Ecogestão e Auditoria

ICNF – Instituto de Conservação da Natureza e Florestas

ISO - Organização Internacional de Normalização

PNAr – Parque Natural da Arrábida

POPNAr – Plano de Ordenamento do Parque Natural da Arrábida

Lista de figuras

Figura 1. Estrutura organizacional das cooperativas	19
Figura 2. A paisagem que rodeia a Biovilla Sustentabilidade.....	22
Figura 3. Venda de produtos biológicos da horta da Biovilla, na feira Ecool, em Setúbal...	22
Figura 4. Sala de workshops e formações da Biovilla Sustentabilidade.	24
Figura 5. Práticas de sustentabilidade da Biovilla.....	26
Figura 12. Análise SWOT da Biovilla Sustentabilidade.....	29
Figura 6. Decoração feita pela estagiária para a Biovilla Sustentabilidade.....	32
Figura 7. Confeção do pequeno-almoço servido aos hóspedes.....	33
Figura 8. Processo de confeção de marmelada	34
Figura 9. Empacotamento de chá biológico da Biovilla.	34
Figura 10. A horta de produção biológica da Biovilla.....	35
Figura 11. Participação na feira Ecool, em Setúbal e apanha de sementes na Serra da Arrábida	35
Figura 13. O vale dos Barris.	38
Figura 14. Vista do quarto "Into the Wild".	40
Figura 15. Procedimentos.....	46

Lista de gráficos

Gráfico 1. Respostas dos entrevistados sobre os seus interesses e motivações ao integrar o projeto da Biovilla	53
Gráficos 2 e 3. Respostas relativas ao investimento e retorno do envolvimento dos entrevistados na Biovilla Sustentabilidade.....	54
Gráfico 4. Respostas dos entrevistados acerca dos principais desafios enfrentados pela Biovilla Sustentabilidade atualmente.....	56
Gráfico 5. <i>Expetativas dos entrevistados para o futuro da Biovilla Sustentabilidade</i>	58
Gráfico 6. Principais conselhos dados pelos entrevistados a quem esteja interessado em criar algo semelhante à Biovilla Sustentabilidade.....	60

Introdução

A presente investigação foi conduzida no âmbito do estágio curricular para obtenção do grau de Mestre em Ecoturismo pela Escola Superior Agrária de Coimbra do Instituto Politécnico de Coimbra. O estágio realizou-se entre setembro e novembro de 2018, na Biovilla Sustentabilidade, um projeto de turismo no espaço rural, localizado em Palmela. Em termos metodológicos, seguiu-se uma abordagem qualitativa, recorrendo-se, essencialmente: à análise documental, observação e à realização de entrevistas aos membros do projeto.

O estudo apresenta como objetivo geral refletir sobre o modelo de gestão da Biovilla, no sentido de identificar as suas mais-valias e principais pontos fracos e assim contribuir para o seu crescimento. Desta forma, durante o período de estágio, foi possível analisar e compreender o funcionamento do projeto, apresentar propostas de melhoria do modelo implementado, diversificar a oferta de produtos e serviços, criar um guia de sustentabilidade, criar um guia explicativo de como criar um projeto semelhante e, ainda, um guia de natureza para usufruto dos hóspedes.

Nesta perspetiva, o presente relatório estrutura-se em três partes. A primeira (Capítulos 1, 2 e 3) corresponde ao enquadramento teórico, que serve de base para fundamentar a componente prática. Partindo-se da explicação do conceito de sustentabilidade numa perspetiva geral e elencando-se as suas várias dimensões: social, ambiental e económica. Analisa-se a crescente importância da sustentabilidade nos empreendimentos turísticos e são enumerados os diferentes tipos de empreendimentos turísticos existentes, de acordo com o Decreto-Lei nº80/2017, de 30 de junho. Por fim, são apontadas três certificações ambientais existentes e o conceito de cooperativa é desenvolvido, assim como os princípios que lhe estão inerentes.

A segunda parte (Capítulos 4 e 5) corresponde à caracterização do local de estágio, o seu modelo de gestão, atividades realizadas durante o período de estágio, uma análise crítica ao estágio realizado e, ainda, uma análise SWOT ao projeto Biovilla. Por último, a terceira

parte (Capítulos 6, 7 e 8) corresponde ao estudo empírico realizado, iniciando-se com uma breve caracterização do território onde se localiza a Biovilla Sustentabilidade - o Parque Natural da Arrábida, nomeadamente em termos de clima, património natural e produtos regionais. De seguida, é feito o enquadramento da metodologia de investigação utilizada. Por último, procede-se à apresentação e discussão dos resultados obtidos, assim como de propostas de melhorias ao modelo Biovilla.

Parte I. Enquadramento teórico

A investigação científica permite resolver problemas ligados ao conhecimento dos fenómenos do mundo real no qual nós vivemos, e está estritamente ligada à teoria, que aumenta a compreensão dos fenómenos estudados pela investigação (Fortin, 1996). Por essa mesma razão, foi realizada uma revisão da literatura associada aos conceitos de sustentabilidade, ecoturismo, educação ambiental e, ainda, acerca do modelo de funcionamento das cooperativas.

Ao longo da Parte I do presente relatório, que enquadra os Capítulos 1 a 3, foi realizada uma revisão da literatura sobre o conceito de sustentabilidade, as suas dimensões e a forma como tem sido implementada no setor do alojamento turístico. Desta forma, verifica-se que os desafios que o planeta enfrenta nos tocam a todos nós, e que é essencial encontrar soluções. Mais especificamente no setor turístico, conclui-se que a principal mudança se verifica na reestruturação dos modelos de gestão, procurando gastar menos recursos e produzir menos desperdício, levando assim a um menor impacto ambiental.

De seguida, descreveu-se a empresa de propriedade conjunta – a cooperativa – forma jurídica na qual a entidade de estágio se enquadra. Desta forma, é possível analisar o enquadramento legal que forma a base da Biovilla Sustentabilidade. Por fim, sentiu-se ainda a necessidade de explicar o aparecimento de formas de alojamento turístico que, como a Biovilla, procuram ter o menor impacto ambiental, ao mesmo tempo que demonstram, aos seus hóspedes e equipa, o caminho para a sustentabilidade.

Capítulo 1. Sustentabilidade e empreendimentos turísticos

Segundo Lee e Cheng (2017), os países procuram ativamente o crescimento económico desde a Revolução Industrial - período na história onde o desenvolvimento industrial se tornou mais importante do que a preocupação pública pela sua própria saúde e pelo planeta. De acordo com os mesmos, a extração sem regras de recursos naturais, assim como a industrialização, criaram poluição, perda de biodiversidade, aquecimento global, entre outros desfechos. Por sua vez, Sachs (2008) defende que o mundo ainda se pode salvar, mas apenas se reconhecermos os perigos que a Humanidade enfrenta conjuntamente.

Tais acontecimentos remetem-nos, cada vez mais, para o conceito de sustentabilidade, que se tornou um assunto chave e prioritário para a raça humana. O conceito resulta da necessidade de limitar as possibilidades de crescimento, levando a cabo um conjunto de iniciativas que reforcem o sentimento de eco responsabilidade, que constituam valores éticos e que criem uma inter-relação entre a justiça social, a qualidade de vida e o equilíbrio ambiental (Jacobi, 2017). É fundamental adquirirmos consciência ambiental, de forma a traçar um caminho que permita ao nosso planeta ser ecologicamente sustentável e socialmente justo, sendo esta a única garantia de que ou no salvaremos juntos, ou nos perderemos todos (Potiguar, 2011).

Atualmente, é do conhecimento geral que existem “pequenas” alterações que podemos fazer no nosso dia-a-dia, que ajudam o planeta, em prol da sustentabilidade: (i) utilizar mais vezes os transportes públicos, em vez do carro; (ii) trocar lâmpadas normais por lâmpadas economizadoras de energia; (iii) fazer a reciclagem; (iv) poupar água; (v) evitar o plástico; (vi) reduzir o consumo de carne e peixe; (vii) optar por produtos biológicos e locais; (viii) investir em energias renováveis, entre outras. Corroborando Kotler (2011), estas práticas sustentáveis encorajam não só os indivíduos de forma singular, mas também as organizações, que cada vez mais, se preocupam com a sua responsabilidade social e ambiental.

Slaper e Hall (2011) mencionam que a sustentabilidade é composta por um “tripé”, constituído pelas dimensões ambiental, social e económica – que formam o *Triple Bottom Line* - conceito idealizado por Elkington, em 1994.

No que diz respeito à dimensão ambiental da sustentabilidade, deve ter-se em consideração a maneira de agir em relação à natureza, tendo como prioridade a preservação do meio ambiente, o esforço para atingir um equilíbrio ecológico que garanta a vida de todos os seres e o uso racional dos recursos naturais. Dentro deste panorama, é essencial que as empresas cumpram a legislação, diminuam os seus impactos ambientais, que girem os seus resíduos e desperdícios, utilizem energias renováveis e perpetuem a educação ambiental dentro e fora da empresa - tudo isto se resume a um conceito: ecoeficiência (Potiguar, 2011) Por outras palavras, a sustentabilidade ambiental advoga a harmonização entre a natureza e a humanidade, onde o objetivo é analisar a interação com o meio ambiente, sem lhe causar danos permanentes (Oliveira *et. al.*, 2012).

Por sua vez, a dimensão social da sustentabilidade baseia-se na legislação que assegura a sobrevivência das pessoas, ou seja, o compromisso que as empresas têm com o desenvolvimento, bem-estar e qualidade de vida dos seus funcionários e comunidade (Ashley, 2002). Está contida a ideia de que a pobreza provoca agressões ambientais e, por isso, a sustentabilidade deve contemplar a equidade social e a qualidade de vida dessa geração e das próximas (Nascimento, 2012).

De acordo com o mesmo autor, a dimensão económica supõe o aumento da eficiência da produção e do consumo com economia crescente de recursos naturais, com destaque para as fontes fósseis de energia e os recursos mal distribuídos, como a água e os minerais. Trata-se de atingir uma ecoeficiência, que supõe uma contínua inovação tecnológica que nos leve a sair do ciclo fóssil de energia (carvão, petróleo e gás). No fundo, uma abordagem integrada que promova o crescimento responsável de longa duração, ao mesmo tempo em que assegurem que nenhuma nação ou comunidade seja deixada para trás (Mikhailova, 2004).

Amaral (2010) defende que será este tripé a orientar os gestores das empresas, promovendo a interação com (i) o meio ambiente, garantindo que as gerações futuras tenham acesso aos recursos naturais; (ii) com o mercado, para preservar a competitividade e continuidade da empresa; (iii) e com os seus colaboradores, tendo sempre em conta a sua responsabilidade social. É fundamental que o modelo de gestão de qualquer projeto se baseie nessas três dimensões.

No caso concreto do setor turístico, é do entendimento comum que os empreendimentos turísticos produzem impactos negativos significativos para o meio ambiente, com um consumo desproporcional de produtos descartáveis, energia e água, e ainda, a emissão de dióxido de carbono, resíduos gerados durante a sua construção e manutenção (Rahmna, Reynolds & Svaren, 2011). Tendo em conta que as organizações reagem ao desejo dos seus consumidores – tal é garantido pelo mercado livre, que nos fornece aquilo que procuramos e queremos comprar (Goleman, 2009) - e se é a sustentabilidade que está em voga e se aspira, nasce uma excelente oportunidade para o setor do alojamento turístico ganhar vantagem competitiva. Um alojamento turístico “sustentável”, que adota medidas que lhe permitem poupar recursos e reduzir o desperdício, está ao mesmo tempo a reduzir os seus custos de operação e a proteger o planeta (Lee & Cheng, 2017).

Neste panorama, nasceu o conceito de sustentabilidade empresarial, que tem ganho considerável atenção, alimentado pela mudança de comportamento e atitude dos consumidores, que cada vez mais estão sensíveis a estas questões. São cada vez mais os alojamentos turísticos que se esforçam para alterar as suas estruturas corporativas, de forma a serem mais responsáveis, quer ao nível ambiental, quer ao nível social, preocupando-se em criar estratégias de gestão que visem o mínimo impacto, através do uso racional dos recursos da região (Han, Hsu, Lee & Sheu, 2010).

A estratégia ambiental dos empreendimentos turísticos deve igualmente passar por educar o turista que aí pernoita, de forma ativa, através de campanhas ambientais, ou outras ferramentas de informação mais informais, como brochuras e sinalização (Rahman, Reynolds & Svaren, 2011). A passos lentos contribui-se para o despertar da consciência

ambiental do consumidor, sendo sempre necessário ter em conta que estas medidas podem tornar-se um inconveniente para o turista, considerando que este, na maioria das vezes, viaja por lazer e procura conforto, água quente, ar condicionado e iluminação, podendo não demonstrar preocupação com o seu impacto no ambiente (Han, Hsu, Lee & Sheu, 2010).

Capítulo 2. Empreendimentos turísticos e certificações ambientais

De acordo com o Decreto-Lei nº80/2017, de 30 de junho, são considerados empreendimentos turísticos “os estabelecimentos que se destinam a prestar serviços de alojamento, mediante remuneração, dispondo, para o seu funcionamento, de um adequado conjunto de estruturas, equipamentos e serviços complementares.” Inseridas neste contexto, existem diversas tipologias, entre elas: (i) estabelecimentos hoteleiros, (ii) aldeamentos turísticos; (iii) apartamentos turísticos; (iv) conjuntos turísticos (resorts); (v) empreendimentos de turismo de habitação; (vi) empreendimentos de turismo no espaço rural e (vii) parques de campismo e de caravanismo.

No âmbito da sustentabilidade em alojamentos turísticos, foram surgindo diferentes selos e certificações ambientais, às quais as várias tipologias podem aderir. Estas garantem uma evidência documental sobre o seu desempenho ao nível da qualidade ambiental, o que constitui uma mais-valia no que diz respeito à sua imagem para o exterior. Para além da crescente preocupação com a conservação e gestão dos recursos, as certificações ambientais do setor turístico resultam também da existência de um “novo turista”, que seleciona o seu destino de férias com base em critérios ambientais e sociais (Diniz, 2008). Importa descrever alguns exemplos: a chave verde e a ISO 14001: 2015.

O programa “*Green Key*” promove o turismo sustentável em Portugal através do reconhecimento de estabelecimentos turísticos, alojamento local, parques de campismo e restaurantes que implementam boas práticas ambientais e sociais, que valorizam a gestão ambiental nos seus estabelecimentos e que promovem a educação ambiental para a sustentabilidade (ABAE, 2014). Tem associado a si várias implicações: informar e envolver

os hóspedes em ações ambientais, como a limpeza de praias, iniciativas de reflorestação, colheita fruta e legumes da horta, poupança de água durante a estadia, entre outros. Por último, procura contribuir para a implementação da Agenda 21 - documento cujo objetivo é comprometer cada país a refletir, global e localmente, para que os governos, empresas, organizações não-governamentais e todos os setores da sociedade possam colaborar na resolução de problemas socioambientais (Arieiro, 2008). É considerada a ferramenta mais próxima das populações no que diz respeito à capacidade para interferir com o processo de desenvolvimento, atendendo às actuais necessidades de preservação ambiental e manutenção da coesão social (Álvares, 2009).

Por sua vez, a certificação ISO 14001: 2015 baseia-se num compromisso social para garantir o futuro – preservar, proteger e melhorar o ambiente. O modelo de gestão ambiental estabelecido pela norma ISO 14001: 2015 serve de referência a um conjunto vasto de organizações, independentemente das suas áreas de atividade e da sua dimensão. Considera um conjunto de princípios e atributos que devem estar presentes no modelo de gestão das organizações, entre eles: (i) reconhecer que a gestão ambiental deve ser considerada uma das prioridades mais importantes da organização; (ii) determinar os requisitos regulamentares e os aspetos ambientais associados às atividades, produtos e serviços da organização; (iii) desenvolver a gestão assumindo o compromisso da proteção ambiental, com responsabilidade social e (iv) encorajar os seus subcontratados e fornecedores a implementarem um sistema de gestão ambiental (CERTIF, 2016).

De forma a dar resposta aos novos desafios de gestão, tendo em vista a questão da sustentabilidade, assistiu-se ao surgimento de novas formas de organização e gestão empresarial, como é o caso das cooperativas, para a exploração de empreendimentos turísticos. Esta forma de organização será discutida no próximo capítulo.

Capítulo 3. A empresa de propriedade conjunta: Cooperativa

Sachs (2008) refere que a atividade humana está organizada em instituições que facilitam a cooperação a longo prazo, começando com a família e estendendo-se a grupos maiores: comunidade, empresa, Governo, entre outras. Cada uma destas instituições surgiu para facilitar um tipo de cooperação não disponível noutras instituições. Por sua vez, o cooperativismo surgiu da necessidade das pessoas trabalharem em conjunto, como forma de alcançar os seus objetivos (Hojer, 2011).

De acordo com o Decreto-Lei n.º 119/2015, de 31 de Agosto, as cooperativas baseiam-se em valores de ajuda, democracia, igualdade, equidade e solidariedade. Os membros de cooperativa têm por tradição acreditar nos valores éticos da honestidade, transparência, responsabilidade social e preocupação com os outros.

Segundo o mesmo Decreto-Lei, as cooperativas seguem uma série de princípios:

- i. Adesão voluntária e livre - são organizações voluntárias, abertas a todas as pessoas aptas a utilizar os seus serviços e dispostas a assumir as responsabilidades de membro, sem discriminações de sexo, sociais, políticas, raciais ou religiosas.
- ii. Gestão democrática pelos membros - são organizações democráticas geridas pelos seus membros, os quais participam ativamente na formulação das suas políticas e na tomada de decisões.
- iii. Participação económica dos membros - os membros contribuem equitativamente para o capital das suas cooperativas e controlam-no democraticamente.
- iv. Autonomia e independência - são organizações autónomas de entreaajuda, controladas pelos seus membros.
- v. Educação, formação e informação - promovem a educação e a formação dos seus membros, dos representantes eleitos, dos dirigentes e dos trabalhadores, de modo a que possam contribuir eficazmente para o desenvolvimento das suas cooperativas.
- vi. Intercooperação - servem os seus membros mais eficazmente e dão mais força ao movimento cooperativo, trabalhando em conjunto, através de estruturas locais, regionais, nacionais e internacionais.

- vii. Interesse pela comunidade - As cooperativas trabalham para o desenvolvimento sustentável das suas comunidades, através de políticas aprovadas pelos membros. Os fins e a função da cooperação não se circunscreverão aos seus membros, devendo atender, igualmente, aos interesses da comunidade onde a cooperativa desenvolve a sua atividade.



Figura 1. Estrutura organizacional das cooperativas (Mónica Veloso, 2014)

De acordo com Meira (2011), ao mesmo tempo que se centram nas necessidades dos seus sócios, as cooperativas trabalham para conseguir o desenvolvimento sustentável das suas comunidades - em virtude da sua vocação cívica, do seu carácter democrático, da sua vertente solidária, afirmam-se como impulsionadoras da procura de um mundo diferente daquele em que temos vivido (Meira, 2018). Desta forma, e partindo da análise do regime jurídico referente às cooperativas, conclui-se que este formato apresenta as características adequadas ao desenvolvimento de projetos no âmbito do empreendedorismo social e ambiental.

Parte II. Caracterização do estágio realizado

Ao longo dos capítulos seguintes (4 e 5), proceder-se-á à caracterização da entidade acolhedora do estágio, a Biovilla Sustentabilidade, apresentando-se o modelo de sustentabilidade que aplica e uma breve análise SWOT da sua gestão. De seguida, descrevem-se as tarefas realizadas durante o período de estágio e são identificados os contributos documentais elaborados pela investigadora: guia de sustentabilidade da Biovilla, guia sobre como criar um projeto como a Biovilla e o guia de natureza da Biovilla.

Capítulo 4. A Biovilla Sustentabilidade

A Biovilla Sustentabilidade insere-se na tipologia de empreendimento de turismo no espaço rural, que de acordo com o Decreto-Lei n.º 80/2017, de 30 de junho, se refere a “estabelecimentos que se destinam a prestar, em espaços rurais, serviços de alojamento a turistas, preservando, recuperando e valorizando o património arquitetónico, histórico, natural e paisagístico dos respetivos locais e regiões onde se situam, através da reconstrução, reabilitação ou ampliação de construções existentes, de modo a ser assegurada a sua integração na envolvente”, sendo que os vários edifícios da Biovilla são o resultado de reconstruções de edifícios que já existiam no terreno.

Os empreendimentos de turismo no espaço rural podem ser: (i) casas de campo; (ii) agroturismo e (iii) hotéis rurais. Concretamente, a Biovilla Sustentabilidade identifica-se como um empreendimento de agroturismo, que de acordo com o mesmo Decreto-Lei, consiste num imóvel situado “em explorações agrícolas que permitam aos hóspedes o acompanhamento e conhecimento da atividade agrícola, ou a participação nos trabalhos aí desenvolvidos”.

A Biovilla foi fundada em 2010 e tem como principal objetivo fomentar o desenvolvimento social, económico e ambiental, através de práticas e modelos empresariais inovadores, que coloquem a sustentabilidade no centro da sua atuação. A Biovilla Sustentabilidade identifica-se como uma Cooperativa de consumo, agrícola e de serviços:

- x No âmbito do consumo - fornece aos seus membros as melhores condições de qualidade e preço, bens biológicos, nacionais ou de comércio justo. Respeita e promove a salvaguarda dos direitos do consumidor e do meio ambiente.
- x No âmbito do ramo agrícola - desenvolve sob os moldes da sustentabilidade práticas de agricultura biológica e agrofloresta; recolhe, transforma, conserva, armazena e escoia bens e produtos provenientes das suas próprias explorações.
- x No âmbito do ramo dos serviços - desenvolve a exploração do agroturismo, seguindo os princípios do turismo sustentável e informa sobre as técnicas de permacultura ou sustentabilidade através da realização de *workshops*, cursos e retiros.

Localizada no Parque Natural da Arrábida, uma paisagem protegida de valor natural e patrimonial incalculável (Figura 2), a escolha do terreno onde se situa a Biovilla Sustentabilidade, baseou-se em alguns pressupostos: (i) proximidade a Lisboa, o principal centro económico e social de Portugal; (ii) a qualidade do solo e diversidade florística e faunística; (iii) a existência de edificações antigas para recuperar e (iv) a dimensão do terreno.

Atualmente, o projeto consiste em dois blocos, sendo que o bloco 1 diz respeito ao edifício principal, onde se encontra a receção, cozinha, zona de refeições e pequenos-almoços, sala de formações, biblioteca, estúdio de yoga, alojamento para a equipa, posto de venda dos produtos da marca Biovilla e a mercearia onde se vendem produtos provenientes da horta. Por sua vez, o bloco 2 será onde se encontram os quatro quartos destinados aos turistas - três deles em formato *twin*, e um com cama de casal - e duas casas de banho partilhadas.



Figura 2. A paisagem que rodeia a Biovilla Sustentabilidade. (Fotografia: Mariana Costa)

Quanto aos produtos e serviços que disponibiliza, estes assentam em 3 pilares fundamentais: alimentação, aprendizagem e alojamento. Os mesmos serão descritos nos três subpontos seguintes.

4.1. Alimentação

A Biovilla Sustentabilidade promove a alimentação saudável, pelo que todos os alimentos utilizados nas suas refeições para os hóspedes são biológicos, e quando possível, de origem nacional. A horta da Biovilla permite produzir alimentos biológicos, que serão vendidos em feiras (Figura 3). A escolha em produzir ou consumir produtos biológicos é muito mais do que apenas a escolha de um produto orgânico - é a escolha entre dois modelos sociais, ambientais e económicos distintos. O modo de produção biológico é aquele que é mais cuidadosamente seguido e monitorizado, assegurando uma elevada qualidade dos seus



Figura 3. Venda de produtos biológicos da horta da Biovilla, na feira Ecool, em Setúbal. (Fotografia: Francisca Neves)

produtos – identificado pelo rótulo Europeu da Agricultura Biológica. O não uso de pesticidas, herbicidas, adubos químicos e outros produtos tóxicos para a saúde humana, garantem uma alimentação saudável, saborosa e rica.

Como forma de dar resposta à escassez/desperdício, a Biovilla procura criar relações de troca com os mercadores da região, proporcionando uma melhor gestão de recursos e alternativa à atual forma de comércio. Desta forma, os produtos deixam de ter o valor estipulado pelo mercado e passam a ter o valor que cada um lhe atribui - algo que não faz falta a um pode ser muito útil a outro. Com os sistemas de trocas diretas promovemos a partilha e a entreaajuda.

4.2. Aprendizagem

A estratégia da Biovilla baseia-se numa cultura de cooperação e parceria com escolas, universidades, centros de pesquisa, ambicionando a partilha de conhecimento e práticas que potenciem o desenvolvimento sustentável em Portugal. A aposta no conhecimento e na aprendizagem parte do pressuposto que apenas através de um esforço contínuo de educação e formação se consegue uma sociedade mais consciente, equilibrada e sustentável. Esse esforço deve ser transversal e mobilizar os cidadãos num movimento único e coeso.

Por isso mesmo o lema da Biovilla: “levar a sustentabilidade ao dia a dia das pessoas”, apela ao despertar da consciência ambiental e uma mudança de hábitos, comportamentos e decisões de compra. Contudo, a ação é mais provável se as pessoas sentirem que estão a trabalhar como parte integrante de um esforço global e se não percecionarem as suas iniciativas como “demasiado pequenas para fazerem a diferença”, nem sentirem que os seus esforços estão a ser desperdiçados (Sachs, 2008).

Resumindo, a Biovilla Sustentabilidade esforça-se por criar um espaço que desenvolva aprendizagem e atividades na temática da sustentabilidade (Figura 4), que promova o conhecimento coletivo, troca de saberes e experiências. Idealmente, tornar-se uma “best

practice”, onde qualquer pessoa possa aprender sobre a temática da sustentabilidade, disponibilizando retiros espirituais, workshops, cursos e formações, como por exemplo: Cursos de Introdução à Permacultura, Workshops Eco *Lifestyle*, Retiros de Yoga, Workshops de artesanato em papel, entre outros.



Figura 4. Sala de workshops e formações da Biovilla Sustentabilidade. (Fotografia: Mariana Costa)

4.3. Alojamento

O pilar do Alojamento foca-se, principalmente, no aluguer dos quartos a turistas. Possui quatro quartos para alugar, sendo que durante a época baixa, tem uma capacidade para alojar cerca de 11 pessoas; e em época alta 13 – fica disponível um quarto extra, ao relento, o que torna possível alojar mais duas pessoas. Os quartos possuem lençóis de algodão biológicos, são sempre limpos com recurso a produtos de limpeza biodegradáveis, disponibilizam amenidades biodegradáveis aos hóspedes e, ainda, um *kit* de consumo sustentável, com informação acerca dos vários produtos da marca Biovilla – pasta de dentes natural, repelente de insetos, chá biológico, entre outros. Desta forma, o projeto visa atrair o tipo de turista que é sensível às questões ecológicas, o que constitui uma tendência nos dias de hoje.

Recentemente, como medida de combate à sazonalidade, característica do setor turístico, a Biovilla começou a alugar os quartos numa perspetiva de “*co-living*”, conceito relacionado com a Economia colaborativa, modelo económico em que bens e serviços são obtidos de forma partilhada – neste caso, partilha-se alojamento. Desta forma, os *co-livers* decidem viver em conjunto, partilhando quartos e tarefas da casa, fomentando o espírito de vivência em comunidade e o desenvolvimento de relações interpessoais.

4. 4. O Modelo de gestão da Biovilla Sustentabilidade

A Biovilla procura empreender uma forma de gestão sustentável, observando a pressão que cada vez mais é colocada sobre as empresas de alojamento turístico quanto à sua responsabilidade social e ambiental. Defende o conceito de sustentabilidade empresarial, procurando influenciar os comportamentos e atitudes dos seus hóspedes, mas também da sua equipa, ao nível das questões ambientais.

Reconhecida como um projeto eco inovador, que procura ser ambientalmente positivo, pela variedade de medidas pró ambientais que emprega, representadas na Figura 5, tais como: (i) a difusão do conceito lixo zero; (ii) criação e manutenção de uma horta de produção biológica certificada; (iii) compra de produtos a granel; (iv) aproveitamento do desperdício orgânico para criar composto para a horta; (v) plantação de árvores de espécies autóctones; (vi) sistema de lavandaria *green*; (vii) recurso a energias renováveis; (viii) utilização consciente da água; (iv) promoção da alimentação vegetariana; (v) difusão de conhecimentos de permacultura; (vi) compra de produtos locais a preço justo, entre outras.



Figura 5. Práticas de sustentabilidade da Biovilla. (Elaboração própria)

Em 2017, a Câmara Municipal de Palmela concedeu à Biovilla uma medalha municipal de mérito em Turismo Sustentável. Adicionalmente, em 2018, a Biovilla ganhou um reconhecimento pela Associação Portuguesa de Ética Empresarial - que reconhece as práticas sociais e de sustentabilidade de organizações portuguesas - mais especificamente, no Objetivo de Desenvolvimento Sustentável número 12, que corresponde à produção e consumo sustentáveis.

Em termos de estratégia, a Biovilla preocupa-se com o aumento da sua reputação como um projeto ambientalmente responsável, criando uma visão conjunta para a sustentabilidade. Uma reputação 'verde' forte pode constituir um recurso valioso (Han & Yoon, 2014). Através do *Green Marketing* – conceito que surgiu em finais de 1980 e que descreve o esforço de uma organização para promover e distribuir produtos e serviços que têm menor impacto ambiental (Kasliwal & Agarwal, 2016) -, a Biovilla é capaz de identificar, antecipar e satisfazer as necessidades dos seus hóspedes. Este tipo de inovação resulta em valor acrescentado nos produtos e serviços que a Biovilla dispõe, ajudando a solidificar a sua marca, assegurando um crescimento sustentado a longo prazo.

De acordo com Hsiao, Chuang e Huang (2017), é a liderança que influencia a iniciativa e a participação da equipa no desenvolvimento de ideias e ações sustentáveis. É extremamente importante, em projetos que ambicionam a sustentabilidade, uma liderança “verde”, que motive os seus seguidores a serem criativos (Mittal & Dhar, 2016). Por estas mesmas razões, o modelo da Biovilla assenta em valores de partilha e comunidade, com uma estrutura de tomada de decisão circular, democrática, que permite um clima de transparência e honestidade.

Sendo a Biovilla Sustentabilidade uma Cooperativa sem fins lucrativos, que assenta toda a sua missão na temática da sustentabilidade, o seu modelo de gestão procurar aplicar os princípios do empreendedorismo social. De acordo com Meira (2012), um empreendedor social desenvolve atividades com vista à prossecução de uma missão social, de forma

inovadora e sustentável, e adote práticas de gestão participadas e orientadas para os seus membros, alavancando impacto social.

Concluindo, a Biovilla Sustentabilidade procura ser parte da solução, identificando a contribuição única que ela poderá fazer, enquanto parte de um esforço mais abrangente para resolver um grande desafio. Tudo isto objetivos comuns que poderão orientar um grande número de ações individuais que, conjuntamente, conseguirão alcançar um êxito global. É este o significado de responsabilidade social empresarial: agir de forma a promover objetivos sociais mais alargados (Sachs, 2008).

4.4. Análise SWOT da Biovilla Sustentabilidade

Nesta parte do relatório o seu modelo de gestão é analisado e são indicados os seus pontos negativos e positivos, assim como as suas ameaças e oportunidades – através de uma análise SWOT. Análise esta que resulta da experiência tida durante o período de estágio e posterior investigação.

O principal objetivo da análise SWOT prende-se com o interesse em conseguir resumir uma realidade, proporcionando uma visão holística dessa mesma realidade. Baseia-se em duas tipologias de fatores, os internos (pontes fortes e fracos), que podem ser alterados ou influenciados, e os externos (oportunidades e ameaças), que são fatores externos e, por isso, não são controlados pela entidade em análise (Brigs, 1999).

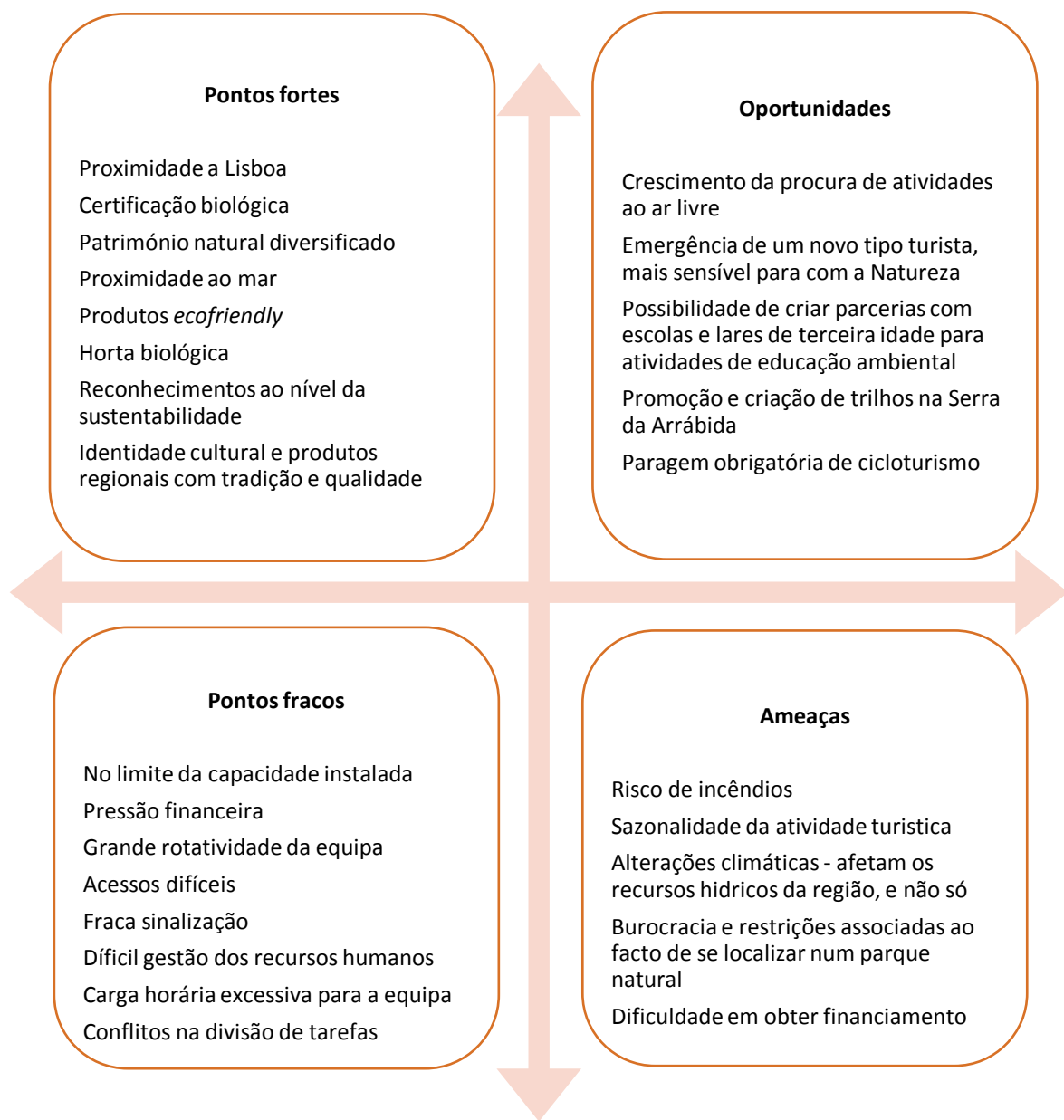


Figura 6. Análise SWOT da Biovilla Sustentabilidade.

Através desta análise, foi possível concluir que é necessário promover a realização de atividades de animação turística, na área da educação ambiental, de forma a satisfazer as necessidades de um novo tipo de turista, mais consciente e que procura atividades ao ar livre, assim como educar e informar crianças e pessoas de terceira idade. Impulsionar

também a criação de parcerias com associações de ciclismo, disponibilizar bicicletas para os hóspedes utilizarem e apostar em outras atividades ao ar livre. Simultaneamente, participar em feiras nas cidades vizinhas (Setúbal, Palmela, Lisboa, por exemplo), onde possa escoar os seus produtos *ecofriendly* e alimentos provenientes da horta biológica, ao mesmo tempo que divulga e promove a sua missão e reputação ao nível da sustentabilidade. Por último, seria igualmente interessante criar pacotes de experiências (vouchers) na Biovilla, onde as pessoas pudessem saborear a gastronomia vegetariana, e acompanhar com um bom vinho da região.

A Biovilla Sustentabilidade possui algumas capacidades de defesa, contra as ameaças que enfrenta, que pretende maximizar. Por exemplo, aumentar a sua reputação, a nível nacional e internacional, no campo da sustentabilidade – de forma a atrair mais clientes, ao longo de todo o ano, e não só na época alta –, assim como ampliar a sua campanha ambiental junto dos seus hóspedes e equipa, sobre como poupar e reutilizar água, como forma de evitar desperdiçar este recurso, cada vez mais escasso e valioso na região, que enfrenta verões cada vez mais secos.

Simultaneamente, foi ainda possível apurar as vulnerabilidades do projeto, que procura combater, entre elas, a falta de espaço interior para eventos com elevado número de pessoas, e por isso, deve procurar organizar atividades ao ar livre, tendo em conta que a propriedade tem cerca de 55 hectares; informar dos trilhos já existentes na Serra da Arrábida; sinalizar melhor os acessos à Biovilla, sem ir contra as normas estabelecidas, para que seja mais facilmente encontrada; e, ainda, criar um manual de equipa, onde estejam elencadas todas as funções que esta deve desempenhar, onde, quando, e como – desta forma, a formação dos novos elementos da equipa é mais rápida e eficaz.

Por último, a Biovilla Sustentabilidade tem algumas necessidades de reorientação, tais como: aumentar a sua capacidade de gerar lucro; tomar todas as prudências necessárias para o risco de incêndio (manter o terreno limpo e ter sempre água disponível) e procurar a colaboração por parte dos responsáveis pelo Parque Natural da Serra da Arrábida nas mais diversas atividades que empreende.

Com a elaboração da análise SWOT da Biovilla Sustentabilidade, juntamente com as várias sugestões para a resolução dos desequilíbrios existentes no seu modelo de gestão, espera-se que os membros da cooperativa averiguem, de entre as propostas sugeridas, quais as prioritárias e mais concretizáveis, de forma a aplicá-las no projeto.

Capítulo 5. Atividades realizadas durante o estágio

Ao longo de três meses de estágio, o leque de atividades realizadas na Biovilla revelou-se muito diversificado. Estas dividiram-se em dois grupos: umas diziam respeito ao trabalho no interior e outras às tarefas no exterior. Para melhor compreensão, foi realizado um cronograma descritivo de todas as tarefas realizadas durante os três meses, que pode ser consultado no Anexo 1.

Quanto às tarefas no interior, destaca-se a limpeza e decoração dos quartos e áreas comuns (cozinha, sala de jantar, sala de formações e *workshops* e casas de banho), confeção de refeições para os hóspedes (pequeno almoço e jantar), gestão de reservas, organização e *catering* de eventos, confeção de produtos Biovilla, tais como marmelada e compotas, sal de beleza e especiarias de ervas aromáticas. De seguida descrevesse com maior detalhe cada uma das tarefas realizadas:

- x Limpeza e decoração de quartos e áreas comuns

Era necessário limpar os cinco quartos possíveis de pernoitar, cada quarto com a sua cor específica (azul, verde, laranja e roxo), após o *check-out* dos hóspedes. Era também necessário manter os espaços comuns limpos: cozinha, casas de banho e salas. A estas tarefas, acrescia o cuidado e criatividade na decoração dos espaços (Figura 6).

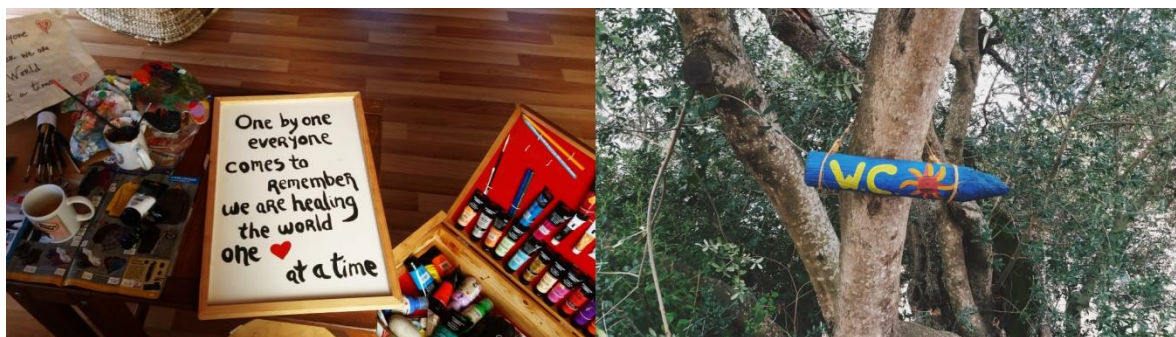


Figura 7. Decoração feita pela estagiária para a Biovilla Sustentabilidade. (Fotografias: Mariana Costa)

x Confeção de refeições para hóspedes (pequeno-almoço e/ou jantar)

Na maioria dos dias, era necessário preparar o pequeno-almoço para os hóspedes, o almoço para a equipa e, com reserva prévia, o jantar para os hóspedes. O pequeno-almoço, servido às 9 da manhã, consistia em pão caseiro, compotas caseiras (figo, tomate, marmelada, amora), queijo fatiado, requeijão local, *muesli*, papas de aveia, chá, café, leites vegetais (aveia, arroz e amêndoa), sumo natural, fruta da época e ovos mexidos. Tudo de origem biológica (Figura 7).

Para o almoço, era necessário confeccionar uma refeição para toda a equipa Biovilla, normalmente cerca de 4/5 pessoas. O ideal seria utilizar o máximo de produtos da horta, tais como: tomates, couves, curgetes, beringelas, feijão-verde, etc. Quando os hóspedes mostrassem interesse em jantar na Biovilla, o preço era de 15 euros por pessoa, e incluía uma sopa, o prato principal e fruta/sobremesa. Tudo biológico e vegetariano e, na maioria das vezes, *vegan* (isento de produtos de origem animal). Conforme pedido, poderiam confeccionar-se refeições sem glúten também.



Figura 8. Confeção do pequeno-almoço servido aos hóspedes. (Fotografia: Margarida Madeira)

x Gestão de reservas

Sendo a Biovilla um empreendimento turístico, é essencial que empregue ferramentas de gestão de reservas. O sistema de reservas utilizado na Biovilla (*Channel Manager*), é o *Avaibook*, um *software* que permite a gestão integral de todas as reservas feitas nas plataformas onde a Biovilla está representada (nomeadamente, *Booking*, *Airbnb*, *Expedia*), assim como do site oficial da Biovilla Sustentabilidade (*biovilla.org*). Desta forma, é possível gerir todas as reservas da Biovilla num único painel. Através deste era possível criar/cancelar reservas, responder aos pedidos e dúvidas de hóspedes, efetuar *check-in's* e *check out's*, gerir os anúncios da Biovilla, alterar preços e disponibilidade e registar pagamentos (quartos e refeições),

x Organização e/ou *catering* de eventos

Para além do aluguer dos quartos a turistas, a Biovilla possibilita o aluguer do restante espaço (edifício principal e/ou espaço exterior) para a realização de eventos, tais como: casamentos, despedidas de solteiro(a), aniversários, formações, *workshops*, concertos, entre outros. Durante estes eventos, a equipa da Biovilla ficava responsável por preparar o espaço, servir petiscos e/ou refeições e, no fim, efetuar a limpeza de todo o espaço utilizado durante o evento.

x Confeção de produtos Biovilla

A confeção de compotas e marmelada permitia a conservação dos alimentos (amoras, tomates, figos, marmelos) e assim evitar o desperdício (Figura 8). Também foram feitos sais de beleza e saquinhos de chá (Figura 9), especiarias, como alecrim, alfavema, tomilho e salva, que se podem encontrar na paisagem da Serra da Arrábida.



Figura 9. Processo de confeção de marmelada. (Fotografias: Mariana Costa)



Figura 10. Empacotamento de chá biológico da Biovilla. (Fotografia: Mariana Costa)

Por sua vez, as tarefas no exterior focaram-se principalmente na horta em permacultura que existe no terreno da Biovilla (Figura 10), nomeadamente através da rega e colheita de

legumes biológicos, assim como na limpeza das áreas circundantes, como a seguir se detalha.



Figura 11. A horta de produção biológica da Biovilla. (Fotografias: Mariana Costa)

Por último, foram ainda realizadas outras tarefas, fora das atividades habituais da Biovilla: a participação na “Ecool”, uma feira de produtos biológicos em Setúbal; a recolha de sementes de espécies autóctones, na Serra da Arrábida, de forma a complementar a criação de um viveiro de espécies autóctones na Biovilla, construído por via de uma angariação de fundos que durou 2 meses (Figura 11).



Figura 12. Participação na feira Ecool, em Setúbal (fotografia da esquerda) e na apanha de sementes na Serra da Arrábida (fotografia da direita). (Fotografias: Francisca Neves e Ignacio Barba)

O estágio realizado permitiu perceber de que modo poderia acrescentar valor e assim potenciar o projeto Biovilla Sustentabilidade. Nesse contexto, para além das tarefas realizadas, foram criados três guias: o guia de sustentabilidade da Biovilla, o guia explicativo de como criar um projeto semelhante e o guia de Natureza.

O guia de sustentabilidade da Biovilla tem como principal objetivo demonstrar a base da atuação do projeto, e as diversas práticas de sustentabilidade que implementa no seu modelo de atuação. Na perspetiva da Biovilla, torna-se imperativo que cada um de nós, enquanto ser humano, tenha noção da sua responsabilidade social e ambiental, contribuindo para o desenvolvimento sustentável. O guia de sustentabilidade da Biovilla foi criado com o intuito de demonstrar a variedade de produtos e serviços oferecidos pela Biovilla, que zelam, acima de tudo, a sustentabilidade. Este pode ser consultado no Anexo 3.

Simultaneamente, foi criado um guia explicativo sobre como criar um projeto semelhante à Biovilla. Procedeu-se à revisão de um documento criado pela Biovilla, em 2014, sobre a criação da cooperativa, os fundos aos quais teve acesso, as dificuldades pelas quais passou e alguns conselhos dados pelos membros do projeto. Este pode ser consultado no Anexo 4.

Por último, e dada a escassez de atividades de animação turística e interpretação da Natureza no projeto, foi criado um guia de Natureza da Biovilla, que ficará disponível para consulta dos hóspedes. Ao divulgar o património natural da Serra da Arrábida, torna-se mais fácil que as pessoas respeitem a biodiversidade, incluindo as espécies ameaçadas pelo desconhecimento da sua importância. Espera-se a introdução à flora e fauna local inspire os hóspedes da Biovilla, e não só, a valorizarem a paisagem que os rodeia, o património natural da Arrábida. Este pode ser consultado no Anexo 5.

Parte III. Estudo Empírico

A terceira parte agrega os Capítulos 6, 7 e 8. O Capítulo 6 trata de caracterizar a localização da Biovilla Sustentabilidade, mais concretamente o Parque Natural da Serra da Arrábida. O Capítulo 7 compreende os objetivos e metodologia do presente estudo, sendo que os dados foram recolhidos por meio de entrevistas a membros da cooperativa e da equipa, de forma a perceber o seu modelo de gestão, os desafios que enfrenta, as expectativas para o futuro e conselhos para criação de projetos semelhantes. Por último, o Capítulo 8 apresenta e discute os resultados do processo de investigação, assim como um conjunto de sugestões e proposta de melhorias ao modelo de gestão da Biovilla Sustentabilidade.

Capítulo 6. Parque Natural da Serra da Arrábida

A pouco mais de meia hora de Lisboa, o Parque Natural da Serra da Arrábida oferece excelentes oportunidades de contacto com a natureza, constitui uma das mais ricas áreas protegidas de Portugal com cerca de 10821 hectares e classificação de Parque Natural desde 1976. Esta classificação visa proteger os seus valores singulares em termos geológicos, florísticos, faunísticos e paisagísticos, bem como os testemunhos materiais de ordem cultural e histórica. Encontra-se, ainda, abrangido pelo estatuto de Reserva Biogenética do Conselho da Europa, sendo ainda classificado como Zona de Proteção Especial para Aves e como Sítio da Lista Nacional de Sítios constantes na Diretiva Habitats (ICNF, 2018).

É um sítio natural de valor excecional e ímpar pela sua beleza, e um importante testemunho de processos geológicos ilustrativos da história da vida na Terra e lugar de uma riqueza florística assinalável e única. A Arrábida é uma paisagem singular, rica em património geológico, ecológico e cultural (AMRS, 2019).

Contudo, infelizmente, o Parque Natural da Arrábida está sujeito a fatores de ameaça naturais e antrópicos, como por exemplo: a erosão, perturbação da fauna e flora, a

instabilidade das arribas, a visitação desordenada a Sítios de Interesse Geológico, o vandalismo, a instabilidade das cavidades cársticas, a atividade extrativa e transformadora, a construção, as atividades e serviços de desporto de natureza e a recolha de amostras geológicas (POPNAr, 2003).

O Parque Natural da Serra da Arrábida reúne condições que levam a que esta região seja bastante procurada como destino de férias, sendo o clima uma das suas mais-valias (Figura 13).



Figura 13. O vale dos Barris. (Fotografia: Mariana Costa)

6. 1. O Clima

Segundo Alcoforado *et. al.* (2014) a Arrábida tem clima dito mediterrânico, com considerável influência marítima, o seu clima traduz-se em duas estações extremas: um verão quente e seco chegando a atingir temperaturas semelhantes às temperaturas das regiões tropicais, com períodos de seca que se podem estender por vários meses; e o inverno frio e húmido, fazendo-se sentir a influência atlântica através das massas de ar húmido (ICNF, 2018).

Resultado do clima mediterrânico é o vasto e riquíssimo património natural, nomeadamente a fauna e a flora, que encontramos pela Serra da Arrábida, que será descrita a seguir.

6. 2. Património Natural

A localização da Serra da Arrábida, no extremo ocidental do Continente Europeu, aliada às suas características climáticas e geológicas e aos fatores de natureza antrópica que exerceram a sua influência nos últimos milénios, permitiram que neste local se tenham desenvolvido processos naturais ímpares ao longo da história da vegetação. A atual vegetação da Arrábida caracteriza-se pela presença de formações vegetais, consideradas relíquias, em bom estado de conservação, e que conferem à Arrábida o estatuto internacional de Reserva Biogenética (POPNAr, 2003).

A conjugação das características climáticas, geográficas e orográficas, justificam a presença de comunidades vegetais únicas a nível mundial, ricas em história evolutiva, que resultam numa paisagem vegetal excecional de elevada singularidade (Canelas, 1999).

Nos solos calcários do PNAr, e segundo Espírito-Santo, *et. al.* (2011), o revestimento florestal primitivo seria dominado pelo carvalho-cerquinho (*quercus faginea*) na encosta norte, e alfarrobeira (*ceratónia síliqua*), carrasco (*quercus coccifera*) e lentisco (*phillyrea angustifolia*) nas encostas a Sul. Contudo, ao longo de milhares de anos, fatores como o clima, a geologia, o relevo e os solos, contribuíram para a manutenção de uma flora muito diversa: alecrim (*rosmarinus officinalis*), rosmaninho (*lavandula stoechas*), folhado (*viburnum tinus*), salva (*salvia verbenaca*), orégãos (*origanum vulgare*), alfarrobeira (*ceratónia síliqua*), carrasco (*Quercus coccifera*), aroeira (*pistacia lentiscus*), medronheiro (*arbutus unedo*), carvalho-português (*quercus faginea*), o sobreiro (*quercus suber*), pinheiro-manso (*pinus pinea*), pinheiro bravo (*pinus pinaster*), entre outros (Flora-on, 2014).

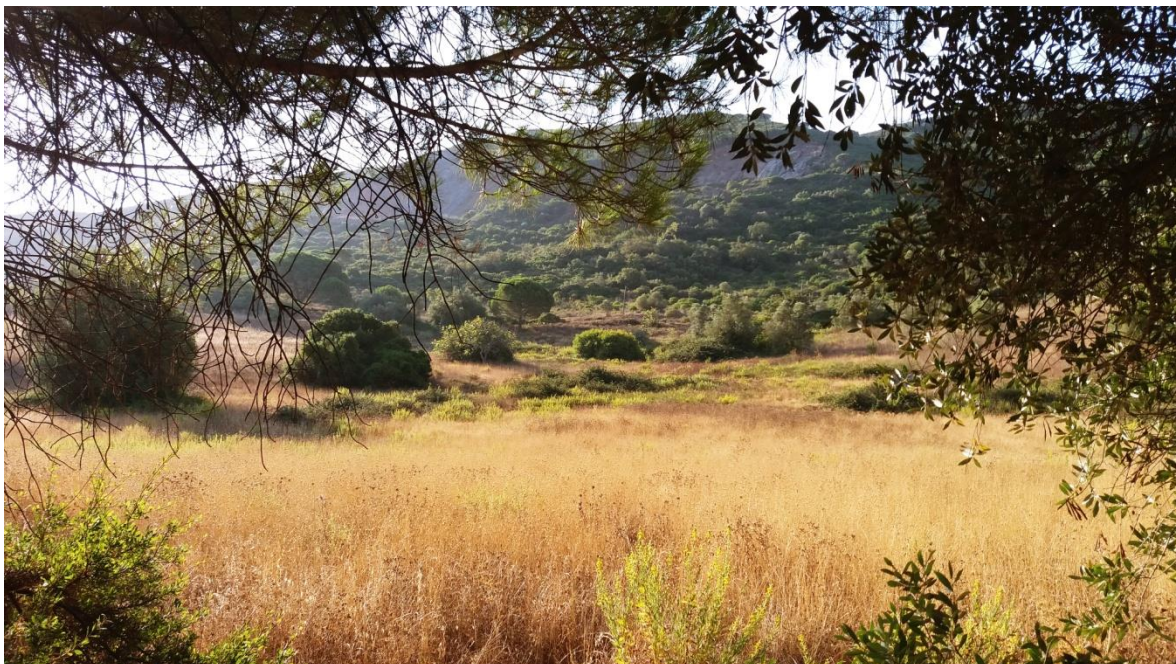


Figura 14. Vista do quarto "Into the Wild". (Fotografia: Mariana Costa)

Por sua vez, a fauna é um dos pontos-chave para a prática do ecoturismo, pois não só o ecoturismo pode contribuir para a sua preservação, mas também proporciona aos ecoturistas uma sensibilização para a importância da mesma no ecossistema, tendo como princípio base conhecer para preservar. Ao ecoturista deverá ser transmitido conhecimento sobre as espécies de modo a reduzir o distanciamento entre o ser humano e os restantes animais, não fazendo de nós uma espécie superior, mas uma espécie integrante do todo e, acima de tudo, largamente responsável pela preservação das espécies faunísticas (Braga, 2017).

Simultaneamente, as características ecológicas diferenciadas existentes no interior do Maciço Calcário da Arrábida proporcionam a existência de inúmeros habitats que favorecem a biodiversidade (POPNAr, 2003). Encontra-se registado um número considerável de espécies nesta região, num total de 213 de vertebrados: 8 espécies de anfíbios, 16 espécies de répteis, 154 espécies de aves e 35 espécies de mamíferos, entre eles: a raposa (*vulpes vulpes*), a doninha (*mustela nivalis*), a gineta (*genetta genetta*), o coelho bravo (*oryctolagus cuniculus*), o texugo (*meles meles*), o gato bravo (*felis silvestris*),

o saca rabos (*herpestes ichneumon*) e a lebre (*lepus capensis*) (ICNF, 2018). Os ecossistemas marinhos também possuem grande relevância, com 1320 espécies registadas em 2011, que inclui espécies classificadas pelo Livro Vermelho da IUCN como vulneráveis ou com ameaça de extinção (AMRS, 2013).

A região detém ainda inúmeras grutas, características deste tipo de maciços montanhosos, que albergam um grande número de espécies de morcegos em risco de extinção no nosso país: morcego de peluche (*miniopterus schreibersii*), morcego-de-ferradura mediterrânico (*rhinolophus euryale*), morcego-de-ferradura grande (*rhinolophus ferrumequinum*) e morcego-de-ferradura mourisco (*rhinolophus meherlyi*). A fauna da Arrábida é especialmente rica em avifauna, com espécies raras na região, principalmente aves de rapina, salientando-se a águia de Bonelli (*hieraeetus fasciatus*), a águia de asa redonda (*buteo buteo*), o peneireiro (*falco tinnunculus*), o falcão-peregrino (*falco peregrinus*), o bufo real (*bubo bubo*) e a coruja das torres (*tyto alba*) (ICNF, 2018).

Para além de um riquíssimo património natural, a Arrábida surge associada, cada vez mais, a vários produtos de qualidade e renome, tais como o Moscatel de Setúbal, o Queijo de Azeitão e o Mel da Arrábida.

6. 3. Produtos regionais

A região onde se insere a Biovilla Sustentabilidade é conhecida por ser uma importante região vitivinícola - reconhecida pela sua capacidade de produção de uvas e vinhos. Surge, assim, uma região pioneira na elaboração de produtos vinícolas de reconhecida qualidade, como é o caso do Moscatel de Setúbal (CVRPS, 2013). Para além do Moscatel, outros produtos regionais de renome serão o Queijo de Azeitão e o mel da Arrábida.

Produzido desde o século XIX, o Queijo de Azeitão tem um sabor muito característico, graças às condições inerentes à sua produção: fatores ambientais do maciço da Arrábida, como o clima e geologia. A área geográfica de produção abrange os concelhos de Palmela, Sesimbra e Setúbal e este é produzido a partir de leite de ovelha cru, juntando-se sal e

cardo. Passou a ostentar, em 1993, a Denominação de Origem Protegida, tendo no ano seguinte recebido a respetiva marca de certificação, como símbolo de garantia de qualidade de origem (DGADR, n.d.).

Por sua vez, o mel da Arrábida é o resultado da polinização das abelhas da Arrábida, e os especialistas consideram-no ser de excelente qualidade. Nas encostas da Arrábida, são cada vez mais os que apostam na produção de mel seja pela temperatura amena, grande diversidade de espécies com floração constante, como é o caso do alecrim e do rosmaninho, que dão um sabor característico ao mel (Morais, 2005).

Capítulo 7. Objetivos e Metodologia

Os principais objetivos desta investigação foram os seguintes: compreensão do modelo de gestão da Biovilla, como foi criado o projeto, identificação de falhas/lacunas e desafios, as condições em que se encontra a equipa, as suas motivações e recompensas, tempo e dinheiro investido e possíveis melhorias e soluções. A metodologia de investigação do presente estudo empírico consistiu numa análise documental sobre a temática da sustentabilidade, na observação e na condução de entrevistas.

No caso desta investigação, partiu-se da descrição da entidade de acolhimento do estágio - na sua estrutura e funcionamento – e, por isso, optou-se por uma estratégia de investigação que permitisse compreender e analisar as dinâmicas da mesma. Seguindo uma investigação deste tipo, o investigador está preocupado em descrever ou interpretar um fenómeno, mais do que em avaliá-lo (Fortin, 1996). Na perspetiva qualitativa, o estudo passa por investigar ideias, descobrir significados nas ações individuais e nas intenções a partir dos atores intervenientes no processo. (Coutinho, 2014).

Tendo em conta que este estudo se apoia num estágio, no qual o investigador participa ativamente na realização de tarefas, permitindo a observação e recolha de dados, adquirindo conhecimento *‘in situ’*, conforme refere o autor Bento (2012), o método mais adequado é o qualitativo. A experiência pessoal foi também, por isso, fonte de aquisição

de conhecimentos, a partir da observação, anotação e interpretação dos acontecimentos e tarefas realizadas durante um período de três meses.

Tratando-se de uma investigação qualitativa, a natureza do estudo é subjetiva, em que o investigador reconhece que a relação sujeito-objeto é marcada pela intersubjetividade – que marca uma posição inovadora quanto ao desenvolvimento de conhecimento. (Fortin, 1996).

Por fim, resta mencionar que o estudo é de carácter exploratório (tem por objetivo proceder ao reconhecimento de uma dada realidade pouco ou deficientemente estudada e levantar hipóteses de entendimento dessa realidade) e descritivo – visa obter mais informações, quer seja sobre as características de uma população, quer seja sobre os fenómenos em que existem poucos trabalhos de investigação (Fortin, 1996).

7.1. Instrumentos de recolha de dados

Qualquer investigação pressupõe a recolha de dados. Estes são informação na forma de observações, ou medidas, dos valores - para o qual o investigador pretende tirar conclusões a partir da informação fornecida (Sousa & Baptista, 2011). A natureza do problema de investigação determina o tipo de método de colheita de dados a utilizar. Nestas circunstâncias, o investigador procede à conceção de instrumentos de medida apropriados às variáveis a estudar (Fortin, 1996).

O paradigma qualitativo privilegia a mobilização de instrumentos/técnicas de recolha e análise de dados para aceder aos significados dos atores em estudo. Por isso, observação naturalista, a entrevista (nas diversas modalidades), a pesquisa documental e a análise de conteúdo (ou a análise narrativa) são as técnicas mais usadas pelos investigadores (Canastra, Haanstra & Vilanculos, 2015). No presente relatório de estágio procedeu-se a uma análise documental, entrevistas e à observação participante.

A técnica de análise documental permite ao investigador ter acesso a informações trabalhadas por terceiros, sendo que a sua recolha pode ser feita em livros, dicionários,

enciclopédias, Internet, jornais e revistas, etc. Esta técnica de recolha de dados assume grande importância na investigação qualitativa, porque permite complementar informações obtidas por outras técnicas, e ainda descobrir novos aspetos sobre um tema (Sousa & Baptista, 2011).

As pesquisas devem ser realizadas através de palavras-chave e, no caso do presente relatório, foram as seguintes: ‘sustentabilidade’, ‘gestão sustentável’, ‘cooperativa’. As plataformas utilizadas foram: *Science Direct*, *Research Gate*, *Google Scholar*... Os resultados foram de vários tipos: livros; revistas das áreas científicas de turismo e gestão; dissertações de mestrado; teses de doutoramento, trabalhos académicos, relatórios, etc. Concluiu-se que existe pouco material referente a modelos de gestão sustentável e cooperativas. Contudo, encontrou-se imensa informação acerca da sustentabilidade.

Para melhor compreender o modelo de sustentabilidade da Biovilla, foram realizadas entrevistas a alguns membros da equipa Biovilla, para assim compreender onde é que existem falhas, quais os objetivos para o futuro e os conselhos que dariam a futuros empreendedores. As entrevistas têm taxas de resposta mais elevadas que os questionários e permitem recolher informações relativa aos factos, ideias, comportamentos, preferências, sentimentos, expectativas e atitudes e permitiram servir de complemento a outros métodos (Fortin, 1996). O mesmo autor refere que esta técnica possui também algumas desvantagens: (i) tempo necessário para realização das entrevistas; (ii) a amostra é mais restrita devido aos custos e (iii) dados são mais difíceis de codificar e analisar, exigindo muito tempo e energia.

Foi elaborado um guião, que pode ser consultado no Anexo 2, com seis perguntas abertas – que têm a vantagem de estimular o pensamento livre e de favorecer a exploração em profundidade da resposta do participante (Fortin, 1996), o que proporcionou maior liberdade aos entrevistados de se exprimirem e discursarem, mas sem os deixar ‘fugir ao tema’. Contudo, verificou-se que pode resultar em demasiados detalhes irrelevantes. Este guião foi inicialmente respondido pessoalmente, mas com o surgir de imprevistos e falta

de disponibilidade e recursos para conduzir todas as entrevistas desta forma, solicitaram-se as respostas por escrito, via internet.

Por último, resta mencionar a terceira técnica de recolha de dados utilizada no presente relatório: a observação participante. Baseia-se na presença do investigador na local de recolha desses mesmos e é o próprio investigador o instrumento principal de observação, tendo acesso às perspetivas das pessoas com quem interage, ao viver os mesmos problemas e as mesmas situações que eles (Sousa & Baptista, 2011).

A observação participante tem vindo a ser cada vez mais usada, quer como ferramenta exploratória, quer como técnica principal de recolha de dados (Carmo & Ferreira, 1998). Neste tipo de observação, o investigador vive as situações e fará depois os seus registos dos acontecimentos, de acordo com a sua perspetiva. Os dados registados durante o trabalho de campo são do tipo da descrição narrativa. (Sousa & Baptista, 2011).

7. 2. Amostra

Entrevistou-se uma amostra de onze pessoas, membros da cooperativa e/ou da equipa (voluntários, estagiários, *co-livers*). As entrevistas realizaram-se, essencialmente, em três fases: a primeira em novembro, onde se conduziram três entrevistas pessoalmente, sendo o local escolhido a Biovilla; a segunda fase decorreu em fevereiro, quatro entrevistas também conduzidas pessoalmente, com a visita da investigadora à Biovilla; e por último, foram realizadas quatro entrevistas, por escrito, via e-mail, em março.

Quanto às entrevistas realizadas, a precisão dos resultados da investigação seria muito superior se fosse entrevistada toda a equipa e cooperantes da Biovilla, contudo isso implicaria custos, tempo, e questões de logística/distância. A constituição da amostra foi não aleatória, mas sim uma amostragem por conveniência - participação voluntária e elementos escolhidos por uma questão de conveniência. Pode ser utilizada com êxito em situações nas quais seja mais importante captar ideias gerais e identificar aspetos críticos

do que propriamente a objetividade científica – tem a vantagem de ser rápido, barato e fácil (Sousa & Baptista, 2011).

7. 3. Procedimentos

A análise de documentos relacionados com a temática da sustentabilidade, modelos de gestão sustentáveis e como isso se aplica no setor turístico, permitiu criar uma base de conhecimentos útil para posterior análise do conteúdo das entrevistas e das anotações tiradas pela investigadora durante o período de estágio. Desta forma, tornou-se mais fácil propor melhorias e soluções ao atual modelo de sustentabilidade da Biovilla, e contribuir de forma positiva para o projeto.

Por sua vez, foram realizadas uma série de entrevistas semiestruturadas aos membros e cooperantes da Biovilla, entre os meses de Setembro de 2018 e Março de 2019, onde os entrevistados tiveram oportunidade de discursar sobre a sua experiência na Biovilla, motivações e interesses, opiniões e conselhos. Foi concedido o direito ao anonimato e à confidencialidade dos entrevistados. E por isso, os resultados serão apresentados de tal forma que nenhum dos participantes no estudo possa ser reconhecido nem pelo investigador, nem pelo leitor.

Por último, foi realizada uma leitura das anotações feitas durante o período do estágio, o que permitiu expor factos observados, juízos de valor e interpretações acerca do objeto de estudo – o modelo de gestão da Biovilla. Desta forma, e reunindo os três instrumentos de recolha de dados, reuniram-se as condições necessárias à análise do conteúdo.

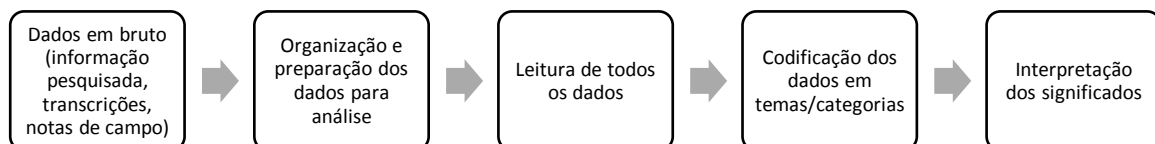


Figura 15. Procedimentos (Elaboração própria).

7.4. Análise de dados

Segundo Sousa e Baptista (2011), em termos de processo de investigação, esta etapa é onde se registam, analisam e interpretam os dados. Todo o material compilado no trabalho de campo, fotografias, notas de trabalho e transcrições das entrevistas. é considerado uma fonte de dados a partir do qual será construída a análise.

Os dados qualitativos originários da recolha via observação ou entrevistas são dados complexos, importantes para entender como e porquê algo acontece, em termos de um estudo mais aprofundado de um determinado fenómeno – neste caso, o modelo de sustentabilidade da Biovilla. Esta complexidade exigiu uma abordagem estruturada para a sua análise.

O primeiro processo para a análise de dados consistiu na construção de uma tabela onde se reuniram as informações mais importantes recolhidas das entrevistas. Tratou-se de resumir a informação e, de seguida, organizou-se de forma a conseguir identificar semelhanças e pontos de vista comuns. Será através da estruturação desta informação que vão ser tiradas conclusões por parte da autora.

A organização em tabela permitiu à autora representar os dados num espaço visual reduzido e facilitou a comparação entre as várias respostas e opiniões. De acordo com Sousa e Batista (2011), uma vez que nos estudos puramente qualitativos não há uma estrutura muito rígida que oriente a análise de dados recolhidos, isso não implica que não deva existir rigor e critérios para o fazer. O tratamento de dados está relativamente formalizado: quer se trabalhe com dados qualitativos quer com quantitativos, trata-se sempre de resumir, organizar, estruturar ou decompor em fatores, para apresentar as relações daí resultantes.

Capítulo 8. Apresentação e discussão de resultados

Serve o presente capítulo para expor os resultados da investigação conduzida na Biovilla Sustentabilidade. A análise documental permitiu apreender uma contextualização teórica

sobre o conceito de sustentabilidade e as suas diversas dimensões. Adicionalmente, a observação permitiu analisar e compreender o modelo de gestão da Biovilla, e concluir que este não é sustentável - para melhor entender as razões para tal, foram conduzidas uma série de entrevistas, cujos resultados serão expostos a seguir.

Os dados resultantes das entrevistas foram recolhidos, analisados e categorizados em diferentes pontos, como se pode verificar nos gráficos 1 a 6. A ordenação dos dados permitiu estabelecer relações e comparar respostas, em busca de padrões que permitam compreender as falhas, desafios, expectativas e outros aspetos do modelo de gestão da Biovilla Sustentabilidade. Achou-se pertinente transmitir a informação sob a forma de gráficos circulares, sendo que pode ser consultada uma tabela-resumo das respostas no Anexo 6.

O primeiro gráfico apresenta as respostas recolhidas nas entrevistas, quando a amostra foi questionada sobre o que as motivou a integrar a Biovilla Sustentabilidade. As respostas foram depois distribuídas por diferentes categorias: aprendizagem, localização, temática da sustentabilidade, missão, entre outros.

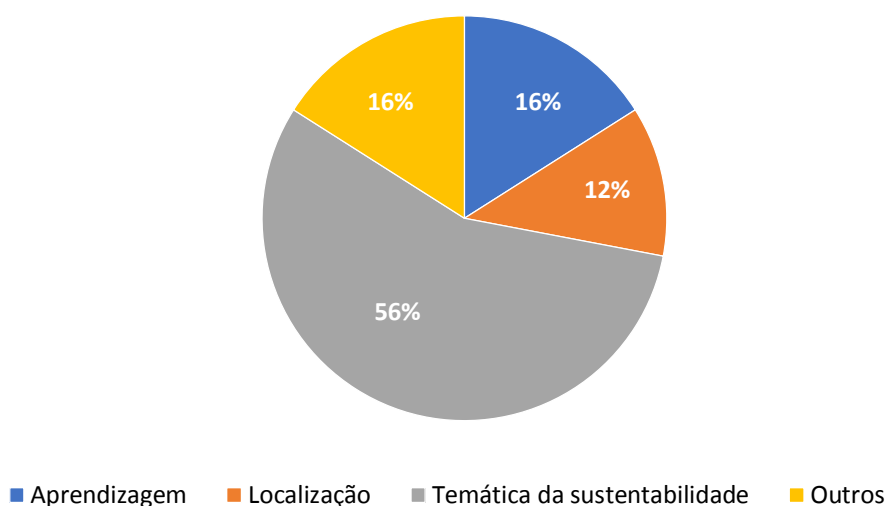
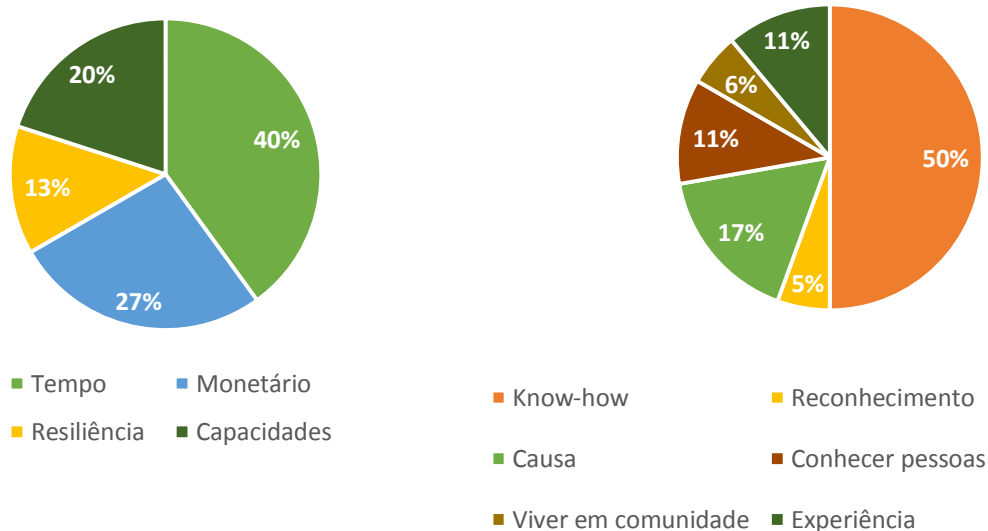


Gráfico 2. Respostas dos entrevistados sobre os seus interesses e motivações ao integrar o projeto da Biovilla. (Elaboração própria)

A maioria, cerca de 56%, dos entrevistados diz ter integrado a Biovilla pela sua temática, ou seja, pela sua missão de sustentabilidade, o conceito, o objetivo do projeto em si. Por outro lado, 16% dos entrevistados inserem-se na categoria da aprendizagem, caracterizando a Biovilla como um lugar onde se aprende imenso e onde se encontram as condições propícias à troca de conhecimentos.

As respostas dos entrevistados relativamente ao que investiram na Biovilla e a forma como sentiram que foram recompensados, estão agregadas nos gráficos 2 e 3.



Gráficos 3 e 3. Respostas relativas ao investimento (gráfico da esquerda) e retorno (gráfico da direita) do envolvimento dos entrevistados na Biovilla Sustentabilidade. (Elaboração própria)

Quanto ao que investiram, a resposta mais frequente foi de tempo (40%), seguida do investimento monetário (27%), de conhecimentos e capacidades (20%) e, ainda, foi referida a necessidade de uma unidade de resiliência muito grande (13%). Por sua vez, as respostas referentes ao retorno foram variadas, sendo que a maioria sentiu que foi recompensada através do *know-how* que adquiriu durante o seu envolvimento no projeto (50%). Em segunda instância, em 17% das respostas, os entrevistados sentiram que contribuíram positivamente para a causa que guia a cooperativa – a sustentabilidade.

A terceira questão realizada nas entrevistas dizia respeito aos desafios que esta mesma enfrenta atualmente, sendo que as respostas dadas estão agrupadas nas categorias que se podem observar no gráfico 4.

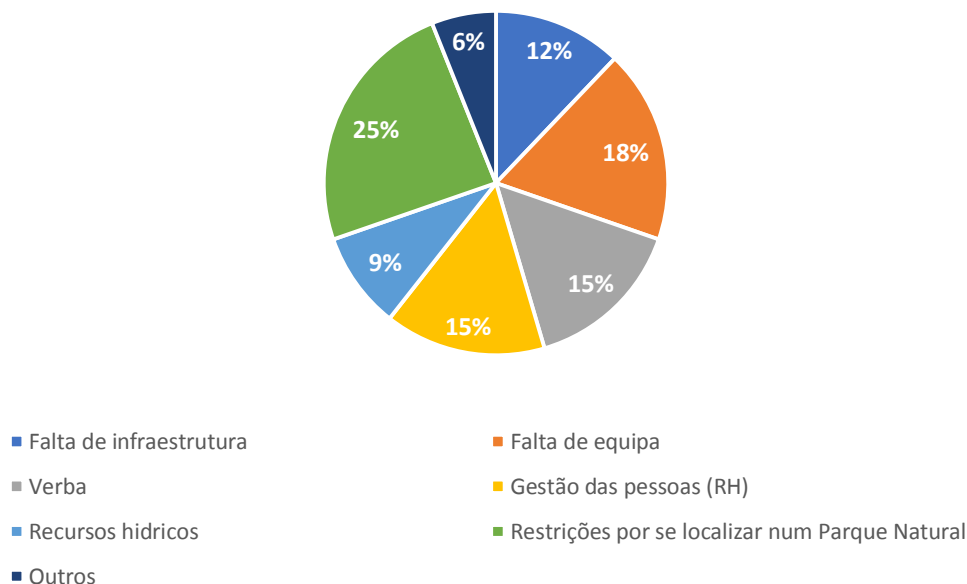


Gráfico 4. Respostas dos entrevistados acerca dos principais desafios enfrentados pela Biovilla Sustentabilidade atualmente. (Elaboração própria)

O maior desafio, na opinião dos entrevistados, será o facto de se localizar num Parque Natural (25%), o que resulta noutros desafios, entre eles: a falta de infraestrutura, pela impossibilidade de fazer novas construções (12%), a falta de equipa (18%) e a incapacidade de recolher a água da chuva, para que esta não falte nos meses mais quentes (9%).

O gráfico 5 é o resultado das respostas acerca das expetativas que os entrevistados têm para o futuro da Biovilla.

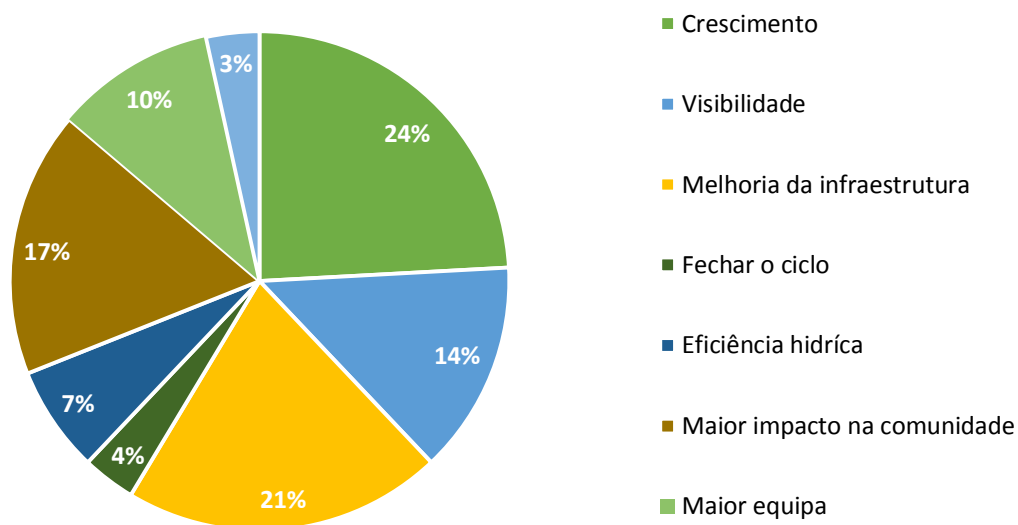


Gráfico 5. Expectativas dos entrevistados para o futuro da Biovilla Sustentabilidade. (Elaboração própria)

As respostas com maior relevância são: crescimento (24%), melhoria da sua infraestrutura (21%) e aumento da sua capacidade de criar impacto na comunidade e região envolventes (17%). Consequentemente, o projeto ganhará maior visibilidade (14%), o que vai permitir aumentar a sua equipa (10%).

A última questão realizada: “Que conselhos daria a alguém que esteja a pensar criar algo do mesmo género?” gerou um leque de respostas bastante variado, representadas pelo gráfico 5.

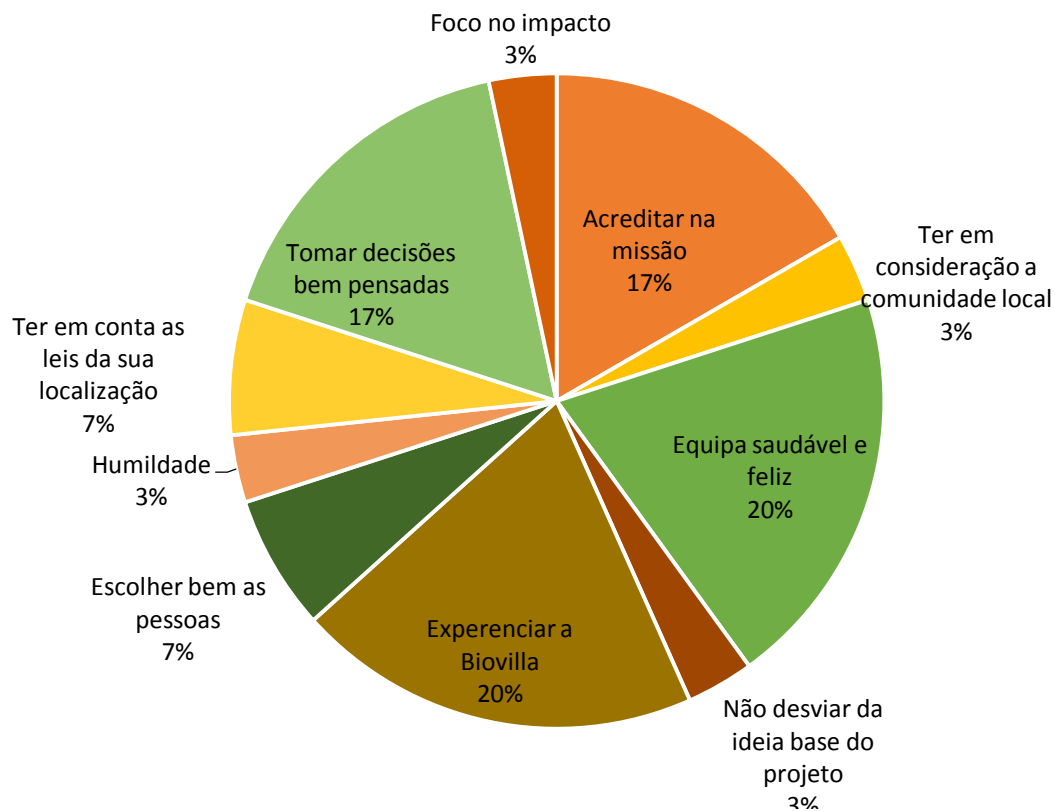


Gráfico 6. Principais conselhos dados pelos entrevistados a quem esteja interessado em criar algo semelhante à Biovilla Sustentabilidade. (Elaboração própria)

As respostas mais frequentes inserem-se nas categorias “Experienciar a Biovilla” e conseguir formar uma “Equipa saudável e feliz”, que conjuntamente reuniram 40% das respostas. Os entrevistados frisaram a importância de tomar decisões muito bem pensadas, aquando a criação do projeto (17%), aconselhando a “não darmos passos maiores do que a perna”. Referiram igualmente o quanto é essencial acreditarmos naquilo que fazemos, a missão do projeto (20%).

Em suma, toda a informação obtida após a realização de uma série de entrevistas, aliada à observação da investigadora, complementada ainda com informações recolhidas na análise de documentos, permitiu chegar a uma série de conclusões sistematizadas a seguir.

8. 1. Sugestões e proposta de melhorias ao modelo de sustentabilidade

No caso do projeto investigado, os resultados obtidos apontam para um modelo de gestão ainda desequilibrado. Apesar de se tratar de um pequeno empreendimento, a sua equipa preocupa-se bastante com a questão da sustentabilidade, nas suas três dimensões. Contudo, é necessário prestar maior atenção nas vertentes humana e financeira, onde surgem as falhas mais complicadas.

Seguem-se algumas propostas que podem auxiliar os seus membros a contornar e solucionar essas e outras questões. Foi elaborada uma lista de várias propostas a adicionar/melhorar na estratégia de gestão da Biovilla Sustentabilidade:

- 9 Adquirir a certificações ambientais, tais como a *Green Key* e/ou a ISO 14001: 2015;
- 9 Criar o serviço “*Rent a bike*”;
- 9 Incentivar ativamente os seus fornecedores e parceiros a adotar práticas de negócios sustentáveis;
- 9 Promover a sustentabilidade junto de toda a equipa de trabalho, a fim de transformar o modo de pensar e agir dos trabalhadores e conseguir empreender um turismo mais sustentável;
- 9 Proporcionar um ambiente de trabalho que respeite e apoie os membros da equipa Biovilla;
- 9 Participar nas comunidades locais com iniciativas que contribuam para o desenvolvimento e enriquecimento destas;
- 9 Contribuir para a sensibilização ambiental dos hóspedes;
- 9 Colocar recipientes de reciclagem em todos os quartos;
- 9 Utilizar papel reciclado em toda a publicidade (*flyers*, cartazes, cartões de visita);
- 9 Dar a possibilidade aos hóspedes de comprar árvores de espécies autóctones para plantar no terreno, diminuindo assim, a sua pegada ecológica;
- 9 Organizar atividades de limpeza na Serra da Arrábida, envolvendo as populações locais;
- 9 Participar na “Hora do Planeta” e outras iniciativas ligadas à sustentabilidade;

- 9 Criar promoções e eventos em dias ligados à sustentabilidade;
- 9 Possuir vários mealheiros de donativos, num local de passagem dos clientes, cada um correspondente a uma instituição, com um cartaz explicativo da sua missão, incentivando o hóspede a contribuir;
- 9 Dar palestras, formações, *workshops* e outras iniciativas ligadas ao turismo sustentável;
- 9 Aderir à iniciativa *Business & Biodiversity* da União Europeia, que em Portugal é promovida pelo Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas – promove a colaboração entre o negócio e a biodiversidade, que favoreça a introdução da biodiversidade nas estratégias e políticas das empresas contribuindo para parar a perda da biodiversidade a nível local, nacional e global;

Conclusão

O estado atual do planeta, no que diz respeito às alterações climáticas, tem vindo a despertar a consciência ambiental do ser humano. Embora a passo lento, são já inúmeras as demonstrações do Homem, com vista a reduzir, e até mesmo reverter, o impacto negativo que este tem no equilíbrio do planeta. Consequentemente, o conceito de sustentabilidade tem vindo a servir de base aos modelos de gestão dos mais variados setores – incluindo o turístico -, sendo que devem ser tidas em conta todas as suas dimensões: social, ambiental e económica.

A Biovilla Sustentabilidade, entidade de acolhimento do estágio realizado, assume uma base legal sob a forma de cooperativa, sendo que a sua estratégia ambiciona satisfazer as necessidades dos seus membros, assim como o desenvolvimento sustentável da comunidade em que se insere. De carácter democrático, guiada pelos princípios da cooperação, ajuda mútua, transparência e solidariedade, a Biovilla procura partilhar a sua causa com o maior número de pessoas possível.

A cooperativa assenta os seus produtos e serviços em três pilares: Alimentação, Aprendizagem e Alojamento. Consiste num projeto que se afirma como pioneiro no campo do empreendedorismo social e, sobretudo, ambiental em Portugal. Tem como grande objetivo tornar-se um projeto totalmente coerente, ancorado nos princípios do lixo zero, comércio justo, consumo consciente, criando uma pegada ecológica significativamente positiva, ao mesmo tempo que difunde o conceito de sustentabilidade.

A análise SWOT do seu modelo de gestão, juntamente com os resultados obtidos através das entrevistas realizadas, análise documental e registos feitos durante o período de estágio, possibilitou uma série de conclusões acerca da sua dinâmica. Os membros da cooperativa, assim como estagiários, voluntários e *co-livers* contribuíram e participaram no projeto, pelas mais diversas razões, entre elas: a temática da sustentabilidade associada, a causa em questão, a possibilidade de adquirir conhecimentos nas mais diversas áreas e o contacto com pessoas que partilham dos mesmos interesses.

Simultaneamente, o estudo permitiu compreender o que os entrevistados investiram no projeto e como foram recompensados. A maioria investiu tempo, dinheiro, capacidades, conhecimentos e força de vontade, enquanto o retorno se traduziu, essencialmente, no *know-how* adquirido aquando a participação no projeto e no orgulho em contribuir para uma causa como a que a Biovilla emprega.

Como a grande maioria dos projetos, o modelo de gestão da Biovilla enfrenta alguns desafios, sendo que o mais discutido será a sua localização, numa área protegida, o que desencadeia uma série de outros desafios, como a impossibilidade de fazer novas construções e a instalação de sistemas de recolha de água da chuva. Por sua vez, existem uma série de expectativas para o futuro da Biovilla, tais como: o reforço da sua influência e contribuição nas comunidades e região, maior visibilidade nacional e internacional, o aumento da sua equipa e crescimento, no geral.

Uma das principais conclusões deste estudo foi o facto de serem necessárias peças para criar um projeto de âmbito ambiental e social, como é a Biovilla. É extremamente importante, antes de construir uma iniciativa como esta, experienciar outras do mesmo foro e aprender com a observação e prática. Desta forma, é possível ganhar o estofado necessário para enfrentar o caos e continuar a acreditar naquilo que se faz, assim como identificar as pessoas que devemos ter a nosso lado.

Em suma, o estágio revelou-se uma experiência enriquecedora a vários níveis e permitiu analisar e refletir sobre o funcionamento da Biovilla Sustentabilidade. A cooperativa consiste numa ideia tão inovadora, quanto interessante - onde por quem ali passa, seja voluntário, estagiário ou visitante, aprende e deixa a sua marca. Permitiu que a estagiária se tornasse mais competente, organizada, responsável, habilidosa e pró-ativa.

Proporcionou a oportunidade de conhecer pessoas, de diferentes culturas, com interesses ao nível da sustentabilidade, da culinária vegetariana, música, a dança, entre outros. Sentiu-se que a estagiária foi bem acolhida neste projeto, com o qual se identifica imenso e do qual retirou uma aprendizagem única. Despertou o interesse em outras áreas além

do ecoturismo, como gestão, gastronomia e espiritualidade. O estágio proporcionou ainda a aquisição de conhecimentos essenciais para o futuro profissional, dando a possibilidade de observar as tendências do mercado e possíveis formas de acrescentar valor a um projeto desta natureza.

Referências Bibliográficas

- Agência Portuguesa do Ambiente. (2019). EMAS. Consultado a 18 de fevereiro de 2019, em: <https://emas.apambiente.pt/>
- Alcoforado, M., Neto, C., Lopes, A., Fragoso, M., Mora, C. & Lopes, S. (2014). Geografia Física em Regiões de Montanha: A Ilha da Madeira e as Serras da Arrábida e da Estrela. Homenagem a Orlando Ribeiro, *O clima e a vegetação da Arrábida e da Madeira, duas ilhas 'caras' a Orlando Ribeiro*. Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa. Consultado a 21 de dezembro de 2019, em: https://www.researchgate.net/profile/Antonio_Lopes12/publication/296701877
- Álvares, M. (2009). *A agenda 21 local nos municípios portugueses* (Tese de mestrado em administração pública, Universidade do Minho). Consultado a 29 de Março de 2019, em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/9796>
- Amaral, J. (2010). Sustentabilidade: preparando a gestão sustentável. *Administradores - O Portal da Administração*. Consultado a 14 de Setembro 2018, em: <http://www.administradores.com.br/noticias/negocios/sustentabilidade-preparando-a-gestao-sustentavel/36573/>
- Arieiro, C. (2008). *Contributos para uma comparação de metodologias entre a agenda 21 local e a rede social* (Tese de mestrado em ordenamento do território e planeamento ambiental, Universidade Nova de Lisboa). Consultado a 1 de Abril de 2019, em: <https://run.unl.pt/handle/10362/2055>.
- Ashley, P. (2002). *Ética e Responsabilidade Social nos Negócios*. (2ª ed.). São Paulo: Saraiva. Consultado a 13 de Setembro de 2018, em: <https://pt.slideshare.net/NiviaRodrigues/204286673-responsabilidadesocialpdf>
- Associação Bandeira Azul da Europa. (2014). *Green Key – Missão*. Consultado a 18 de janeiro de 2019, em: <https://greenkey.abae.pt/sobre/>

- Associação de Municípios da Região de Setúbal. (2019). *Arrábida*. Consultado a 3 de dezembro de 2018, em: <https://arrabida.amrs.pt/>
- Associação para a Certificação. (2016). *Certificação de Sistemas de Gestão Ambiental - ISO 14001* [Em linha]. Consultado a 24 de fevereiro de 2019, em: <http://www.certif.pt/iso14001.asp>
- Bento, A. (2012). Investigação quantitativa e qualitativa: Dicotomia ou complementaridade? *Revista JÁ*, nº64. Consultado a 6 fevereiro de 2019, em: <http://www3.uma.pt/bento/Repositorio/Investigacaoqualequan.pdf>
- Biovilla (.n.d.). *Sustentabilidade à Mão de Semear*. Consultado a 15 de setembro de 2018, em: www.biovilla.org
- Braga, S. (2017). *O ecoturismo como potenciador dos territórios de baixa densidade O caso de Castanheira de Pêra* (Relatório de Estágio Profissionalizante, Escola Superior Agrária de Coimbra).
- Brigs, S. (1999). *Marketing para o turismo no século XXI*. Mem Martins: CETOP
- Canastra, F., Haanstra, F. & Vilanculos, M. (2015). *Manual de Investigação Científica da Universidade Católica de Moçambique*. Instituto integrado de apoio à investigação científica. Beira.
- Canelas, Vítor (1999). *Património Natural do Concelho de Palmela*. Câmara Municipal de Palmela: Gabinete do ambiente.
- Carmo, H. & Ferreira, M (1998). *Metodologias de Investigação – Guia para auto aprendizagem*. Universidade Aberta.
- Comissão Vinícola Regional da Península de Setúbal. (2013). *O Moscatel de Setúbal – Origem*. Consultado a 22 de fevereiro de 2019, em: <https://vinhosdapeninsuladesetubal.org/moscatel-de-setubal/origem/>

- Coutinho, C. (2014). *Metodologias de investigação em Ciências Sociais e Humanas*. [Versão eletrónica]. (2ª ed.) Coimbra: Almedina.
- Decreto-Lei nº 119/2015 de 31 de agosto. *Diário da República n.º 169/2015. Série I*. O código cooperativo. Lisboa.
- Decreto-Lei nº 80/2017 de 30 de junho. *Diário da República n.º 125/2017, Série I*. Regime Jurídico dos Empreendimentos Turísticos. Lisboa.
- Diniz, A. (2008) *A certificação e o turismo sustentável*. Consultado a 5 de março de 2019, em: <http://naturlink.pt/article.aspx?cid=93282&menuid=59&viewall=true>
- Direção Geral De Agricultura e Desenvolvimento Rural Produtos Tradicionais Portugueses. (n.d.). *O queijo de Azeitão DOP*. Consultado a 12 de fevereiro de 2019, em: <https://tradicional.dgadr.gov.pt/pt/cat/queijos-e-produtos-lacteos/33-queijo-de-azeitao>
- Espírito-Santo, M., Henriques, T., Silva, V., Rodrigues, J. & Costa, J. (2011) *Estudo da flora, vegetação e paisagem vegetal da Serra da Arrábida*. Lisboa. Consultado a 23 de fevereiro de 2019, em: researchgate.net/publication/257366206
- Flora de Portugal Interactiva. (2014). Sociedade Portuguesa de Botânica. Consultado a 12 de dezembro de 2018, em: www.flora-on.pt
- Fortin, M. (1996). *O processo de investigação – da conceção à realização*. Universidade de Montreal. Lusociência.
- Goleman, D. (2009). *Eco inteligência – como o consumismo está mudar o mundo*. Círculo Leitores.
- Han, H. & Yoon, H. (2014). Hotel customers' environmentally responsible behavioral intention: impact of key constructs on decision in green consumerism. *International Journal of Hospitality Management*. Consultado em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0278431914001741>

- Han, H., Hsu, L., Lee, J. & Sheu, C. (2010). Are lodging customers ready to go green? An examination of attitudes demographics, and eco-friendly intentions. *International Journal of Hospitality Management*. Consultado a 16 de Setembro 2018, em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0278431910000903>
- Hojer, B. (2011). Egalitarianism and Community in Danish housing Cooperatives: proper forms of sharing and being together. *The International Journal of Anthropology*. Consultado a 22 de novembro de 2018, em: <https://www.berghahnjournals.com/view/journals/social-analysis/55/2/sa550204.xml>
- Hsiao, T. & Chuang, C. & Huang, L. (2017). The contents, determinants, and strategic procedure for implementing suitable green activities in star hotels. *International Journal of Hospitality Management*. Consultado a 18 de dezembro de 2018, em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0278431917302116>
- Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas. (2018). *Clima do Parque Natural da Arrábida*. Consultado a 5 de dezembro de 2018, em: <http://www2.icnf.pt/portal/ap/p-nat/pnar/geo>
- Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas. (2018). *Fauna do Parque Natural da Arrábida*. Consultado a 5 de dezembro de 2018, em: <http://www2.icnf.pt/portal/ap/p-nat/pnar/fauna>
- Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas. (2018). *Parque Natural da Arrábida*. Consultado a 5 de dezembro de 2018, em: <http://www.icnf.pt/portal/ap/p-nat/pnar>
- Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas. (2018). *Plano de Ordenamento do Parque Natural da Arrábida. Relatório final de avaliação do POPNAr*. Lisboa: Autor. Consultado a 5 de dezembro de 2018, em: <http://www2.icnf.pt/portal/pn/biodiversidade/ordgest/poap/popnar/popnar-doc>

Instituto de Conservação da Natureza e Florestas] (2016). *Espécies Arbóreas indígenas em Portugal Continental: guia de utilização*. Dia Internacional das Florestas.

Jacobi, P. (2017). Meio ambiente e sustentabilidade. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*. Consultado a 24 de Agosto 2018, em: <https://docplayer.com.br/16514802-Meio-ambiente-e-sustentabilidade.html>

Kasliwal, N. & Agarwal, S. (2016) *Handbook of Research on Promotional Strategies and Consumer Influence in the Service Sector - Green Marketing Initiatives and Sustainable Issues In Hotel Industry*.

Kotler, F. & Armstrong, G. (2011). *Principles of Marketing* (14 ed.). Prentice Hall, Pennsylvania.

Lee, w. & Cheng, C. (2017). Less is more: A new insight for measuring service quality of green hotels. *International Journal of Hospitality Management*. Consultado a 22 Agosto 2018, em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0278431916304510>

Meira, D. (2012). Uma análise do regime jurídico da cooperativa à luz do conceito de empreendedorismo social. CIRIEC-Espanha. *Revista Jurídica*, Nº 23. Consultado a 5 de março de 2019, em: <http://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/3565/1/pdfArticulo-%20Revista%20Juridica%20Ciriec%202012-Dmeira.pdf>

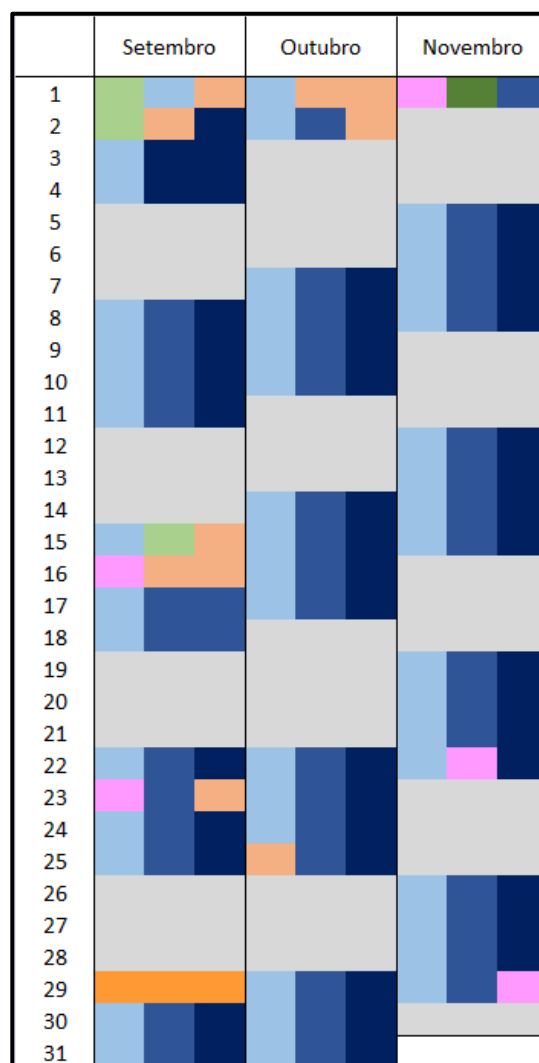
Meira, D. (2018). *Governança cooperativa e sustentabilidade — uma análise à luz das novas tendências do direito cooperativo europeu*. Consultado a 5 de março de 2019, em: https://www.confagri.pt/content/uploads/2018/07/Deolinda-Meira-ICA_Dia-Internacional-das-Cooperativas.pdf

Mittal, S. & Dhar, R. (2016) Effect of green transformational leadership on green activity: a study of tourist hotels. *Tourism Management*. Consultado a 23 de Novembro, em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0261517716300632>

- Nascimento, E. (2012). *Trajetória da sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao económico*. Scielo, Brasil. Consultado a 16 de Setembro 2018, em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v26n74/a05v26n74.pdf>
- Potiguar, F. (2011). Sustentabilidade empresarial, económica, social, ambiental [Em linha] *Responsabilidade Social*, nº 131. Consultado a 26 de Agosto em: <http://www.responsabilidadesocial.com/artigo/sustentabilidade-empresarial-economica-social-ambiental/>
- Rahman, I., Raynolds, D. & Svaren, S. (2011) How “green” are North American hotels? An exploration of low-cost adoption practices. *International Journal of Hospitality Management*. Consultado a 16 de Setembro 2018 em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0278431911001526>
- Reyes, R., Sanchez, P. & Diaz, R. (2017) Eco-innovation and organizational culture in the hotel industry. *International Journal of Hospitality Management*. Consultado a 20 de setembro de 2018, em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0278431916303474>
- Sachs, Jeffrey (2008) *Common wealth – um novo modelo para a economia mundial*. Casa das Letras.
- Slaper, T. & Hall, T. (2011) The Triple Bottom Line: What is it and How does it Work? *Indiana Business Review*. Consultado a 3 de Setembro 2018, em: <http://www.ibrc.indiana.edu/ibr/2011/spring/article2.html>
- Sousa, M. & Baptista, C. (2011) *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios segundo Bolonha*. (5ª ed.). Pactor, Lisboa.
- Veloso, M. (2014). Cooperativas. *Quick Aid – Notas informativas Jurídicas*, nº6. Área Jurídica da Unidade Empreendedorismo. Consultado a 28 de fevereiro de 2019, em: <http://www.anje.pt/system/files/items/374/original/Quickaid%20006.pdf>

Anexos

Anexo 1. Cronograma de realização de tarefas



Legenda:	
	Confeção de refeições para hóspedes (pequeno-almoço e ou jantar)
	Gestão de reservas
	Organização e/ou catering de eventos
	Confeção de produtos Biovilla (compotas, marmelada, sal de beleza, especiarias, chá)
	Colheita de legumes e fruta da Biovilla
	Participação em feira de produtos biológicos 'Ecool'
	Recolha de sementes na serra da Arrábida
	Limpeza de quartos e áreas comuns
	Folga

Anexo 2. Guião das entrevistas



Mestrado Ecoturismo

Relatório de Estágio:

O modelo de sustentabilidade da Biovilla

Entrevista aos membros da cooperativa Biovilla Sustentabilidade e restante equipa

Cooperante ☐ Equipa ☐

Nome: _____

1. Há quanto tempo trabalha/é membro da cooperativa Biovilla?
2. Porque é que integrou? Quais as suas motivações e interesses?
3. Qual foi o seu investimento? Qual é o retorno?
4. Quais são os maiores desafios que a Biovilla enfrenta?
5. Quais as suas expetativas para o futuro da Biovilla?
6. Que conselhos daria a alguém que esteja a pensar criar algo do mesmo género?

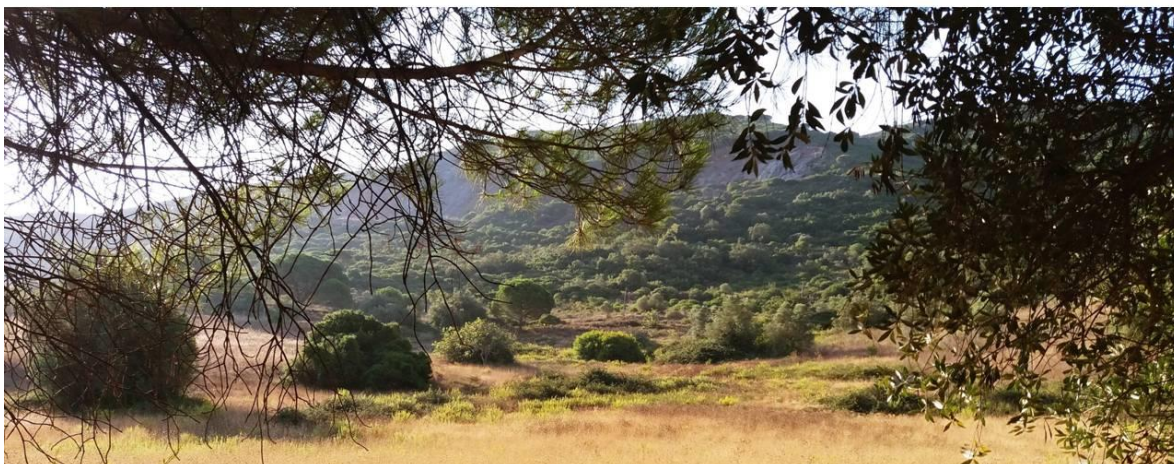
Informação: A entrevista será gravada, para análise e transcrição posterior.

Tomei conhecimento ☐

Data: _____

Assinatura do entrevistado:

O Guia de Sustentabilidade da Biovilla



A Biovilla Sustentabilidade

Localizada na da Serra da Arrábida, a **Biovilla pretende afirmar-se como um espaço onde a sustentabilidade é o tema central**. Procura implementar um modelo de gestão sustentável, onde as pessoas possam **unir-se e responder os desafios globais atuais**.

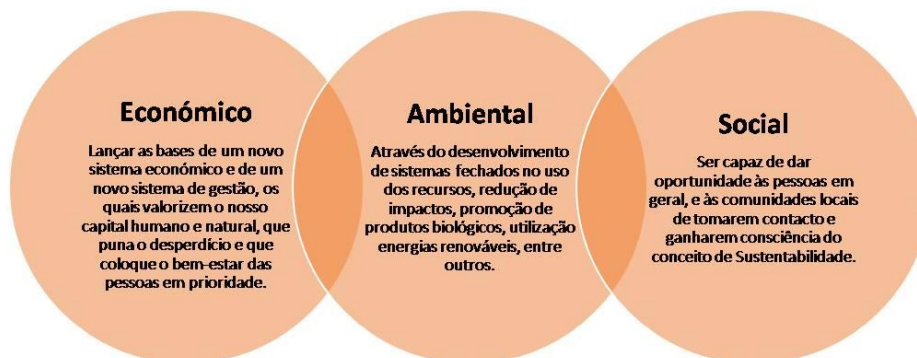
Um **lugar** onde o conceito de sustentabilidade seja implementado na sua plenitude, onde os valores ambientais, sociais e económicos se interliguem – através de um modelo inovador ao nível dos recursos – naturais, humanos e económicos – tendo como último propósito a realização humana.

Trabalhamos para conseguir um modelo de organização, gestão e um modelo de vida, que assenta em **valores de partilha e comunidade**, e um **contacto mais próximo com o mundo natural**.



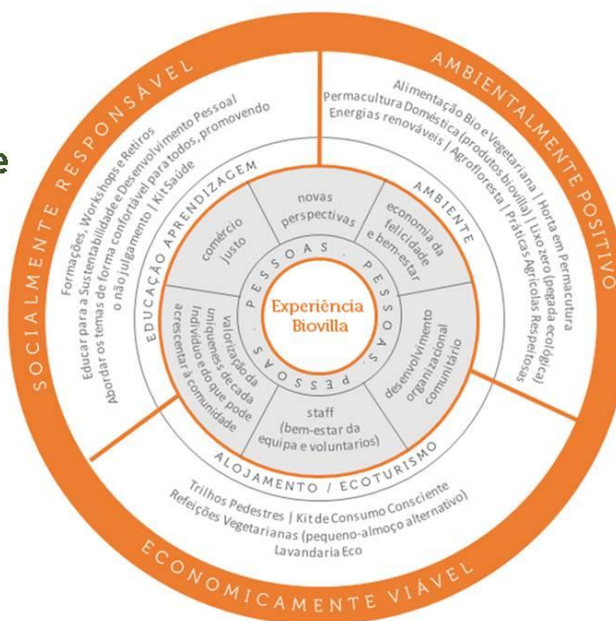


O tripé de Sustentabilidade da Biovillal



A Mandala da Biovillal Sustentabilidade

- **Principal objetivo?**
Criar uma experiência Biovillal inesquecível, que desperte a consciência ambiental de quem por aqui passa.
- **Como vamos lá chegar?**
Tornando-nos um espaço socialmente responsável, economicamente viável e ambientalmente positivo.





A Biovilla: um projeto economicamente viável

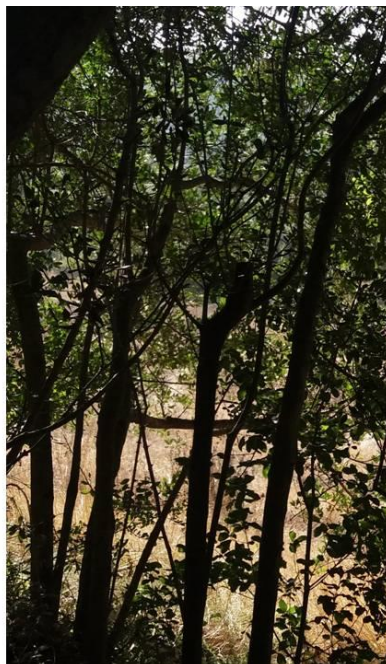
• PILAR AMBIENTAL DA SUSTENTABILIDADE

Nos dias que correm, assistimos cada vez mais a uma mudança de hábitos, comportamentos e formas de pensar no ser humano. Os sistemas de transportes, produção, distribuição e consumo **estão a entrar em conflito com os princípios éticos, morais, económicos e ambientais.**

É necessário um novo rumo, um novo paradigma que promova um **modo de vida mais equilibrado, em harmonia com o mundo natural, baseado nos conceitos de partilha justa, qualidade de vida e cooperação.** O ponto de partida para um estilo de vida mais saudável e sustentável centra-se nas pequenas coisas — é importante fazer aquilo que nos deixa a consciência mais tranquila e nos faz sentir melhor.

Sozinhos, não vamos a lado nenhum.

Torna-se imperativo unirmos forças, cooperar e chegar a soluções que nos permitam caminhar para um **futuro mais sustentável.**



Conforto

Abordamos os temas de forma a encontrar um ponto de consenso e harmonia, onde se promove o não julgamento e se cria um ambiente seguro para que as pessoas possam explorar-se a si mesmas e tomar as decisões com que se sentem confortáveis.

Sentido de missão

A missão da Biovilla toca a todos. É o sentido de comunidade, de esforço único e coeso pela sustentabilidade, partilhado por diferentes pessoas, cada uma com atributos únicos que podem contribuir para a missão.

Visão conjunta: trazer algo de diferente ao mundo

Educação

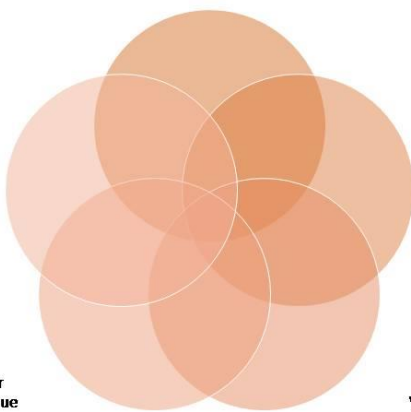
Através do conhecimento e partilha de experiências o ser humano evolui e descobre o que o faz feliz. Novas vivências e desafios trazem novos horizontes e perspetivas.

Preços Justos

Preferimos abdicar de parte da nossa margem para dar acesso a mais pessoas e a mais empresas, para que as oportunidades possam chegar a mais bolsos e a mais corações.

Paz

Viver em paz é a maneira mais saudável de levar a vida.





A Experiência Biovillia

A **Experiência Biovillia** serve como ponto de partida para práticas a adotar em casa, no que diz respeito à **consciência de consumo na alimentação, utilização de recursos naturais** e como podemos viver **uma vida mais plena e feliz**.

O **produto Biovillia** transcende a componente física do produto/serviço, pretende afirmar-se como um conceito, uma **opção de estilo de vida sustentável**. Procura, acima de tudo, contribuir para o **desenvolvimento social, económico e ambiental** do nosso país.

A **sustentabilidade** é, no fundo, a **forma mais consciente de fazer as coisas**. Para tal, é necessário olharmos o nosso dia-a-dia, tudo o que fazemos, dizemos, compramos e incentivamos; e perceber onde é que falhamos e como podemos melhorar.

É **mudar as nossas decisões e o rumo da nossa vida**. Na prática, tudo isto pode parecer difícil, mas depende sempre da nossa força de vontade e unidade de resiliência, e da nossa capacidade de mudar os nossos “maus” hábitos.



Como fazemos?

De forma comunitária

Confiamos que os recursos sempre chegam aos projetos que mantêm a intenção genuína de contribuição ambiental e social

Damos sempre o nosso melhor

Somos verdadeiramente apaixonados pelo que queremos criar e estamos a fazer acontecer

Evoluímos em nós mesmos e nunca baixamos os braços mantendo os pés (e as mãos) bem assentes na terra

Damos importância ao nível de impacto ambiental e à forma de gestão social, que permite alavancar as nossas pessoas

Acreditamos e apostamos num futuro sustentável

Acreditamos na inovação, no progresso, no bem-estar e na procura da felicidade

Acreditamos e vivemos o privilégio de estar na natureza, em comunhão com o meio ambiente

Acreditamos nas pessoas, acreditamos que juntos poderemos criar algo diferente.

Guia adaptado e revisto por Mariana Costa
No âmbito de um estágio curricular na Biovillia Sustentabilidade
PALMEIRA, 2019

Anexo 4. Guia para criar um projeto como a Biovillla



Como criar um projeto como a Biovillla Sustentabilidade?

Guia explicativo

Mariana Costa



Índice

- **Em que consiste a Biovillla?**
 - Pilares
 - Ética
 - Financiamento
 - Modelos de investimento comunitário
- **Cooperativa? Como assim?**
- **Porquê uma Cooperativa?**
- **Como criar uma Cooperativa?**
 - Ramos do setor cooperativo
 - Estrutura organizacional das cooperativas
 - Direitos e deveres dos cooperadores
- **Os conselhos da Biovillla**



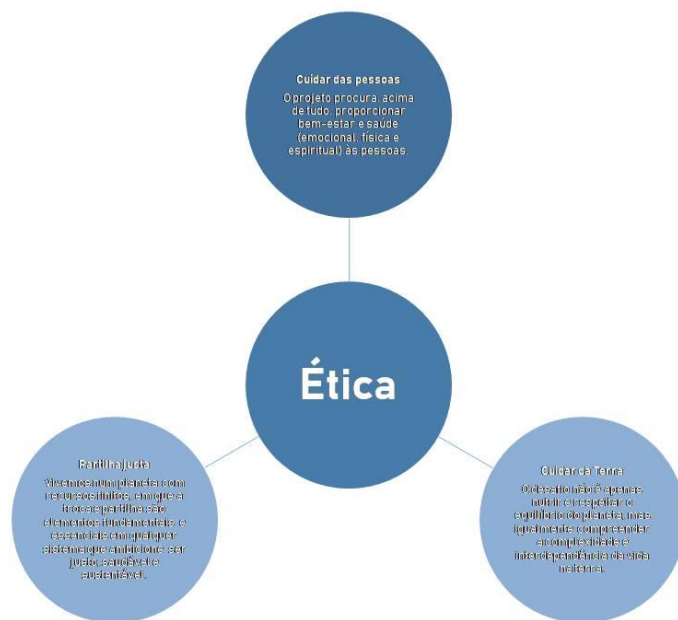
Em que consiste a Biovilla?

A **Biovilla Sustentabilidade** consiste num projeto **COOPERATIVO**:

- Fundada em 2010.
- Está sediada em Lisboa, mas o projeto Biovilla materializa-se em 55 hectares de terreno no Parque Natural da Arrábida.
- Multissetorial – é uma Cooperativa de Consumo, Serviços e Agrícola.

Objetivo: *“levar a sustentabilidade ao dia a dia das pessoas”*





Financiamento

Ironicamente...

São muitas vezes os projetos de sustentabilidade, de cariz social, comércio justo, agricultura biológica, entre outros, que encontram maior dificuldade em captar financiamento dentro das estruturas de financiamento existentes.

Posto isto, a Biovilla procurou **outras formas de investimento**, menos tradicionais, que prezem pelo **auto financiamento local e comunitário, transparência e entreajuda**. Felizmente, surgem, cada vez mais, **formas alternativas de financiamento**, como é o caso do **investimento comunitário**.



Esta alternativa procura colmatar uma falha do mercado e alavancar uma **forma de investimento ético, socialmente responsável, de pessoas para pessoas**, que transcende a mera procura por rendimento.

Títulos de investimento comunitário

Ferramenta económica de financiamento comunitário que une investidores privados a organizações não lucrativas com vista ao desenvolvimento de projetos na comunidade de forma integrada e participada. Surge como alternativa para o financiamento de projetos comunitários, sem o envolvimento dos intermediários financeiros usuais (bancos, sociedades de garantia mútua, capital de risco, ou estado)

- ✓ Permite um maior envolvimento da comunidade nos seus projetos;
- ✓ Promove a aprendizagem entre os membros; da Cooperativa
- ✓ Consiste numa forma de financiamento mais flexível, que pode ser adaptada às necessidades dos membros;
- ✓ Partilha de risco e sucesso;
- ✓ Possibilita investir na Economia Real – sistema que tem por objetivo repartir os recursos tão equitativamente quanto possível, para responder às necessidades do maior número de pessoas.
- ✓ Permite receber projetos relevantes para o desenvolvimento local;

Cooperativa? Como assim?

A Biovilla Sustentabilidade assume-se é um projeto que se baseia nos valores de ajuda, democracia, igualdade, equidade e solidariedade. Os seus membros acreditam nos valores éticos da honestidade, transparência, responsabilidade social e preocupação com os outros.

De acordo com o Código Cooperativo, as Cooperativas devem seguir uma série de princípios:

- ✓ **Adesão voluntária e livre** – as cooperativas são organizações voluntárias, abertas a todas as pessoas, sem discriminações de sexo, sociais, políticas, raciais ou religiosas.
- ✓ **Gestão democrática pelos membros** – os seus membros participam ativamente na formulação das suas políticas e tomadas de decisão.
- ✓ **Participação económica dos membros** – os membros contribuem para o seu capital e controlam-no democraticamente.
- ✓ **Autonomia e independência** – são organizações autónomas, de entreajuda, controladas pelos seus membros.
- ✓ **Educação, formação e informação** – promovem a educação e formação, de modo a contribuir para o desenvolvimento da cooperativa.
- ✓ **Intercooperação** – os seus membros trabalham em conjunto, dando força ao movimento cooperativo.
- ✓ **Interesse pela comunidade** – as cooperativas trabalham para o desenvolvimento sustentável das suas comunidades, sendo que os fins e função das mesmas não se limitam aos seus membros, devendo atender, igualmente, aos interesses da comunidade onde se insere.

Porquê uma cooperativa?

As cooperativas trabalham para conseguir o **desenvolvimento sustentável das suas comunidades** – em virtude da sua vocação cívica, do seu carácter democrático, da sua vertente solidária, afirmam-se como **impulsionadoras da procura de um mundo diferente daquele em que temos vivido.**



Desta forma, e partindo da análise do regime jurídico referente às cooperativas, conclui-se que este formato apresenta as características adequadas ao **desenvolvimento de projeto nas temáticas do empreendedorismo social e ambiental**. Foi neste âmbito, que a Biovilla decidiu criar uma **Cooperativa para o desenvolvimento sustentável**.

Como criar uma Cooperativa?

Legislação Aplicável

- **Código Cooperativo**
- Será o Código Cooperativo que guia a atuação das Cooperativas
<http://www.cases.pt/cooperativas/legislacao/codigo-cooperativo>
- **Legislação setorial complementar**
- Cooperativas Agrícolas – Decreto-Lei n° 335/99, de 20 de agosto: foi alterado pelo Decreto-Lei n° 23/2001, de 30 de Janeiro.
- CRP – Constituição da República Portuguesa (artigos 43°/4, 60°/3, 61°/2,3,4, 63°/5, 65°/2 d), 75°/2, 80°/b) ed), 82/4, 85°/1,2, 94°/2, 97°/1, 2 d), 136°/3 b), 165°/1 j) e x), 288° f).

Ramos do Setor Cooperativo

- a. Agrícola;
- b. Artesanato;
- c. Comercialização;
- d. Consumidores;
- e. Crédito;
- f. Ensino;
- g. Habitação e construção;
- h. Pescas;
- i. Produção Operária;
- j. Serviços;
- k. Solidariedade Social.

É admitida a constituição de cooperativas multisectoriais, que se caracterizam por poderem desenvolver atividades próprias de diversos ramos do sector cooperativo – como é o caso da Biovilla.

De forma a constituir uma Cooperativa, existem uma série de procedimentos e documentos legais que são necessários:

- 1. Certificado de Admissibilidade – RNPC – Registo Nacional de Pessoas Coletivas;
- 2. Reunião da Assembleia de Fundadores e aprovação de estatutos e órgãos, ata da assembleia de fundadores – interessados na constituição de uma cooperativa reúnem-se em assembleia de fundadores, para cuja mesa elegem, pelo menos, o presidente, que convoca e dirige as reuniões necessárias, até à tomada de posse dos titulares dos órgãos da cooperativa constituída. A ata de fundação deve ser assinada por aqueles que tenham aprovado a criação da cooperativa. Os estatutos aprovados constam de documento anexo à ata e são assinados pelos fundadores.
- 3. Registo de início de atividade;
- 4. Registo Comercial/Certidão Permanente;
- 5. Segurança Social;
- 6. Cartão de Empresa;
- 7. Credencial da CASES – Cooperativa António Sérgio para a Economia Social, CIPRL;

Estrutura organizacional das Cooperativas



Direitos e Deveres dos Cooperadores

DIREITOS

- Participar na atividade económica e social da cooperativa;
- Tomar parte na assembleia geral, apresentando propostas, discutindo e votando os pontos constantes da ordem de trabalhos;
- Elegere ser eleitos para os órgãos da cooperativa;
- Requerer informações aos órgãos competentes da cooperativa e examinar o relatório de gestão e documentos de prestação de contas, nos períodos e nas condições que forem fixados pelos estatutos, pela assembleia geral ou pelo órgão de administração;
- Requerer a convocação da assembleia geral nos termos definidos nos estatutos e, quando esta não for convocada, requerer a convocação judicial;
- Participar nas atividades de educação e formação cooperativas;
- Apresentar a sua demissão.

DEVERES

- Respeitar os princípios cooperativos, as leis, os estatutos da cooperativa e os respetivos regulamentos internos.
- Tomar parte nas assembleias gerais;
- Aceitar e exercer os cargos sociais para os quais tenham sido eleitos, salvo motivo justificado de escusa;
- Participar nas atividades da cooperativa e prestar o trabalho ou serviço que lhes competir, nos termos estabelecidos nos estatutos;
- Efetuar os pagamentos previstos no presente Código, nos estatutos e nos regulamentos internos;
- Cumprir quaisquer outras obrigações que resultem dos estatutos da cooperativa.

Os Conselhos da Biovilla

Construção de infraestruturas

- Ter sempre em conta a legislação e regulamentos de construção da região onde se vai erguer o projeto. No caso da Biovilla Sustentabilidade, o facto de se localizar numa área protegida – o Parque Natural da Arrábida – resulta numa série de constrangimentos de construção, captação de água, etc.
- Na perspetiva ambiental, existem determinados detalhes de construção que foram tidos em conta na Biovilla – construções realizadas com o mínimo de impacto no ambiente;
- As madeiras que formam as paredes da Biovilla são madeiras certificadas, de produção sustentável;
- Instalação de sistema energético de classe energética A;
- Uso de energias renováveis – instalação de painéis solares;
- Devem ser tidos em conta fatores como: orientação para o sol, consideração pelos padrões naturais em relação aos edifícios, construções naturais.

Criar uma Visão para o projeto

- Identificar os seus valores e descrevê-los como a missão do projeto, definir determinados critérios de seleção para quem queira envolver-se;
- Preocupação pela comunidade global, biodiversidade, ecossistema do planeta e gerações futuras;
- Transparência, entendimento mútuo, união, cooperação;
- Educar sobre a importância do desenvolvimento sustentável;
- Pode surgir um conflito entre permanecer com a visão inicial da criação do projeto, ou de fazer as mudanças necessárias à adaptação da realidade.

Equipa feliz

- Dinâmica interna onde haja transparência, abertura, proximidade e sentido de comunidade;
- Pessoas que acreditam na missão do projeto, e com o qual se identificam;
- Estabelecer uma lista de regras a ser respeitada por todos os membros;
- O grupo deve comportar-se como uma família, que partilha dos mesmos valores e se entretêm nas mais diversas atividades.
- Consenso, o modelo de tomada de decisão em que cada membro tem igual direito de voto e todas as decisões são tomadas com o acordo de todos.

Benchmarking

- Visitar outros projetos do mesmo género, de forma a recolher ideias e compreender as suas dinâmicas;

Esperamos que este guia auxilie e inspire a criação de projeto como a Biovilla Sustentabilidade, onde o bem estar das pessoas, o sentido de comunidade e a procura pelo equilíbrio na Terra, são os objetivos finais.



Anexo 5. Guia de Natureza da Biovilla

Guia de Natureza da Biovilla Sustentabilidade

Serra da Arrábida



A Biovilla Sustentabilidade

A Biovilla Sustentabilidade tem o privilégio de se localizar dentro do Parque Natural da Serra da Arrábida, considerado uma das mais ricas áreas protegidas de Portugal, integrado em redes internacionais de conservação e classificado como Sítio de Especial Interesse para a Conservação da Natureza.

É o lugar ideal para reconectarmos com a Natureza.

Surgiu, assim, a necessidade de criar este guia, que pode auxiliar e tornar mais interessantes as suas caminhadas pela Arrábida, permitindo-lhe observar a riqueza natural da paisagem que rodeia a Biovilla.

Guia elaborado por Mariana Costa

Flora e vegetação

Alecrim
Alfarrobeira
Alho bravo
Amoreira silvestre
Aroeira
Carrasco
Carvalho português
Medronheiro
Orégão
Pinheiro bravo
Pinheiro manso
Rosmaninho
Salsaparrilha
Sobreiro
Tomilho de creta
Zambujeiro



Fauna

Abelharuco
Águia de asa redonda
Águia de Boneli
Bufo real
Coelho bravo
Doninha
Falcão peregrino
Gato bravo
Gineta
Guarda rios
Javali
Lebre
Lontra
Osga
Peneireiro vulgar
Pisco de peito ruivo
Raposa
Saca rabos
Texugo

Flora e Vegetação

A vegetação da Arrábida é o que a destaca no contexto das áreas protegidas portuguesas, sendo considerada por Robert Chodat, um botânico conceituado, como a 'mais surpreendente que é possível ver na Europa'.

Este guia descreve algumas das espécies que encontramos na Arrábida, e dá a conhecer as propriedades medicinais de algumas delas, e outras curiosidades, resultantes do conhecimento científico e/ou popular.

Espera-se que esta introdução à flora local inspire gentes locais, os visitantes e gerações futuras a se aproximarem da natureza que os rodeia, reconhecendo-a como um património a cuidar.

Observações:

A autora não tem qualquer qualificação académica na área da Botânica, pelo que é recomendável confirmar a informação recolhida neste guia. A mesma não se responsabiliza pela utilização inadequada das plantas ou conselhos aqui mencionados.





Alecrim (*Rosmarinus officinalis*)

Arbusto comum na região do Mediterrâneo, exala um aroma forte e agradável e é muito apreciado na culinária. Em churrascos, recomenda-se espalhar um punhado sobre as brasas do carvão aceso, perfumando os alimentos e difundindo um odor agradável no ambiente. A sua flor é muito apreciada pelas abelhas produzindo assim um mel de extrema qualidade – por isso mesmo, há quem plante alecrim perto de apiários, para influenciar o sabor do mel.

Está provada a eficácia do alecrim como estimulante do sistema nervoso e do cérebro, dado que melhora a circulação cerebral, a concentração e a memória. Aumenta o fluxo de sangue no couro cabeludo, sendo muito eficaz no combate à queda de cabelo, e fortalece o seu crescimento – é, por isso, bastante utilizado no fabrico de champô.

Foi trazido para a Europa pelos primeiros monges cristãos, tornando-se muito popular nos jardins dos conventos. Era colocado nos armários para afastar as traças e queimado nos quartos para purificar o espaço onde tinham dormido pessoas doentes. Durante a Peste Negra, no século XIII, queimavam-se ramos de alecrim nas morgues e hospitais, cujo fumo atuava como desinfetante e purificante do ambiente. Está também associado a cerimónias fúnebres desde o tempo dos egípcios, que dele se serviam para embalsamar os corpos.

Fotografia: Mariana Costa



Alfarrobeira (*Ceratonia siliqua*)

Gosta de climas secos e suaves e encontra-se, no nosso país, na vertente sul da Arrábida e no barrocal algarvio. Podem durar até 500 anos e os seus frutos, as alfarrobas, são vagens castanho escuras, quando atingem a maturidade. Para dar fruto, é necessário 1 árvore macho para 15 fêmeas – sendo que uma fêmea só começa a dar fruto a partir dos 15 anos.

Da alfarroba aproveita-se, sobretudo, a farinha, que é bastante utilizada na indústria alimentar, como substituto de cacau. Quanto às suas propriedades medicinais, as vagens, quando verdes são laxantes, mas quando castanhas, produzem o efeito inverso, prendem os intestinos. Por isso, são bastante eficazes em casos de prisão de ventre ou diarreia.

Fotografia: Paula Côte-Real





Alho bravo (*Allium ampeloprasum*)

São o antepassado do alho francês, muito utilizado na gastronomia europeia.

Esta planta pode ser utilizada como tempero e medicamento. Suas flores são comestíveis e também podem integrar as receitas na cozinha.

O alho bravo possui propriedades vermífugas, ou seja, pode ser usado para combater os vermes que se instalam no corpo humano.

Esse combate é possível com o preparo da planta, ou melhor, da raiz, na forma de chá.

Fotografia: Vitor Maia



Amoreira silvestre (*Rubus fruticosus*)

A amoreira silvestre, vulgarmente conhecida como 'silva', é uma planta medicinal com propriedades anti-inflamatórias e antioxidantes. Produz um fruto bastante apreciado pelos portugueses: a amora - utilizada na confecção de sobremesas, compotas e vinho. A sua colheita é provavelmente um dos poucos hábitos de recolha de plantas silvestres que ainda sobrevivem até aos dias de hoje.

Durante a guerra civil americana, os combates eram muitas vezes interrompidos para que ambas as partes pudessem colher as folhas das silvas para tratar de problemas como a disenteria e a diarreia.

As suas folhas são utilizadas como anti-diabético, assim como úteis no tratamento de anginas, inflamação das cordas vocais, aftas, e outros problemas na boca. É também possível utilizar as suas folhas para fazer chá, rico em vitamina C.

Fotografia: Mariana Costa



Aroeira (*Pistacia Lentiscus*)

Também conhecido pelo nome 'lentisco', é um arbusto nativo da região mediterrânica que pode atingir os 4 metros de altura. É muito recorrida para ornamentar jardins, e a sua resina pode ser extraída e usada no fabrico de cosméticos, licores, e ainda, na área de medicina dentária e pastelaria. Possui propriedades medicinais, combate febres, reumatismo e sífilis. Também ajuda em casos de azia, tosse, diarreia, bronquite, dor de dentes e ainda, infecções urinárias.

Fotografia: Mariana Costa



Carrasco (*Quercus coccifera*)

Arbusto de tronco tortuoso e as suas características morfológicas e ecológicas são das que melhor definem a vegetação da Região Mediterrânea. Prefere climas quentes e secos e adapta-se bem em solos secos. O carrascal proporciona bons refúgios para as perdizes, coelhos, lebres, entre outras espécies, e importância para a conservação da biodiversidade.

Por vezes, encontram-se umas 'bagas' vermelhas nas suas folhas e ramos, que correspondem a galhas - reação da planta à picadela de um insecto. Estas 'bagas' podem ser secas e reduzidas a pó para criar a cor 'carmim' - prática que tem sido bastante criticada por organizações de defesa dos direitos animais. Para se conseguir cerca de meio quilo do corante são necessários cerca de setenta mil bagas.

Fotografia: Paula Monteiro



Carvalho português (*Quercus faginea*)

Também conhecido por 'carvalho cerquinho', é uma árvore bastante comum em Portugal. Maioria da floresta autóctone do continente de Portugal eram carvalhais, daí a razão de existirem inúmeras terras associadas a esta árvore: Carvalhais, Carvalhal, Cerqueira...

O seu fruto, a bolota, serve de alimento a javalis e esquilos, que por vezes as enterram e se esquecem, tornando-se plantadores naturais e ajudando na disseminação da espécie. É também um alimento do ser humano, que a usava para fazer pão e licores.

Durante os séculos XV e XVI, a madeira do carvalho era utilizada na construção naval - uma das razões que levou ao seu declínio - e para a construção de carros de bois. Nos dias de hoje, a sua madeira continua a ser bastante valiosa, e é utilizada na construção de pipas e barris, dando uma melhor cor e aroma ao vinho.

Esta árvore é também alvo de galhas, os chamados 'bugalhos', que são o resultado de picadas de insetos, que depositam os ovos nos tecidos desta árvore - é dentro do bugalho que o inseto se desenvolve.

Fotografia: Mariana Costa



Medronheiro (*Arbutus unedo*)

Arbusto de porte alto e folhas perenes, pode chegar aos 200 anos de vida, mas é mais produtivo entre os 15 e os 25 anos. O medronheiro tem grande importância para a borboleta Imperador, também conhecida como borboleta-do-medronheiro, que depende exclusivamente deste arbusto para a sua sobrevivência.

O seu fruto, o medronho, é utilizado no fabrico de aguardente de medronho e doces.

As flores que antecedem o fruto, quando polinizadas pelas abelhas, dão origem ao mel de medronho, com propriedades medicinais.

Estudos indicam que o consumo de medronho regula os níveis de colesterol e melhora a saúde da pele e dos ossos. Pode ainda ser utilizado em caso de diarreia, doenças de fígado, rins e aparelho urinário.

Os romanos chamavam esta árvore 'unedo' que significa 'comer só um', talvez devido à sensação de embriaguez que provocava comer muitos frutos - sobretudo se estes já estivessem muito maduros, em processo de fermentação.

Fotografia: Mariana Costa



Oregão (*Origanum vulgare*)

Gosta de terrenos de altitude média, soalheiros, secos e pedregosos. É uma planta cujo caule pode ir até aos 60 cm de altura e atrai insectos polinizadores, como abelhas ou borboletas. É oriundo do Médio Oriente e foi introduzido na Europa no século XVI, sendo desde então, uma erva aromática muito utilizada na comida mediterrânica.

Apresenta um grande interesse medicina: é antiinflamatório, antioxidante, reduz as cólicas gastrointestinais, estimula a produção da bilis, combate a obstrução dos pulmões, é digestivo e pode aliviar problemas de estômago. Trata também problemas respiratórios, através de inalação a vapor, como a asma, tosse e bronquite., e ainda, eficaz contra a gripe, amigdalites e dor de dentes.

De acordo com a mitologia grega, a deusa Afrodite teria sido a primeira a cultivar esta planta no seu jardim. Na Antiguidade, após observar que as tartarugas comiam orégãos depois de ingerir serpentes venenosas, Aristóteles passou a sugerir que a planta fosse recomendada como antídoto contra vários géneros de venenos.

Fotografia: Francisco Clamote



Pinheiro bravo (*Pinus pinaster*)

Distingue-se do pinheiro manso pelo formato da sua copa, que não é arredondada, e também pela forma das suas pinhas, que são mais alongadas que as do pinheiro manso.

O pinheiro bravo distingue-se facilmente do pinheiro manso, pelo formato da copa (não é arredondada) e também pela forma das suas pinhas (que são mais alongadas). A semente do pinheiro bravo, o penisco, dispersa-se facilmente pelo vento por se tratar uma semente alada - que tem asas.

Possui grande interesse económico porque proporciona madeira, protege do vento, produz resina e ajuda a fixar dunas e a recuperar solos pobres.

Em Portugal, o pinhal de Leiria marcou o início da plantação intensiva de monocultura do pinheiro bravo, no século XIII. Durante vários séculos, o pinhal de Leiria foi um dos “pulmões” de Portugal, visto que a sua extensão mantinha-se praticamente intacta mesmo com o corte de árvores. A política implementada neste pinhal era que por cada árvore cortada - muitas utilizadas na construção das caravelas dos descobrimentos portuguesas - outra era plantada.

Fotografia: Mariana Costa



Pinheiro manso (*Pinus pinea*)

Pode chegar aos 30 metros de altura e sua copa é arredondada, semelhante à forma de um guarda chuva. O pinheiro manso é bastante valorizado pelo facto de produzir pinhões comestíveis - o que constitui um importante factor de rendimento económico.

O coelho bravo aparece bastante associado esta espécie de pinheiro, onde encontra condições para fazer a sua toca e alimenta-se da vegetação que existe sob estas árvores.

A madeira do pinheiro manso, muito dura e impermeável, construiu as naus que Bartolomeu Dias navegou e passou o cabo da Boa Esperança.

Fotografia: Mariana Costa



Rosmaninho (*Lavandula stoechas*)

É uma planta típica da região mediterrânica e bastante comum em Portugal. O rosmaninho funciona como repelente natural de várias pestes, nomeadamente pulgões, carraças, escaravelhos, moscas e contra ratos e traças, quando colocado em saquinhos nas gavetas, roupeiros ou debaixo dos tapetes.

É uma planta rica em néctar e apreciada pelas abelhas, sendo muito famoso o mel de rosmaninho - reputado pelo seu sabor e propriedades calmantes ; As suas flores são comestíveis e têm um leve gosto cítrico, e utilizam-se, frequentemente, em chás, geleias, bolos, biscoitos, cheesecakes, gelados, tortas e como aromatizante de vinagres e vinhos.

O perfume fresco e limpo do rosmaninho era o aditivo de banho preferido dos gregos e romanos, e o seu nome (*Lavandula*) deriva do latim lavare (lavar).

Fotografia: Mariana Costa



Salsaparrilha (*Smilax aspera*)

Também designada por salsaparrilha brava, é uma planta trepadeira, e serve-se de outras plantas/árvores para progredir em altura, em busca de mais luminosidade. O fruto surge no Outono, sob a forma de uma baga vermelha, que amadurecendo se torna negra - não pode ser digerida por um ser humano, mas várias aves alimentam-se dela.

Estudos comprovam que o chá de raízes de salsaparrilha tem propriedades medicinais, e é indicado para o tratamento artrite, excesso de ácido úrico, gripe, herpes, reumatismo, resfriado, tratamento de doenças inflamatórias e de pele, e auxilia o bom funcionamento do sistema urinário.

Fotografia: Mariana Costa



Sobreiro (*Quercus suber*)

É uma espécie típica na região mediterrânica ocidental e pode viver, em média, 200 anos. Da família do carvalho, é do sobreiro que se extrai a cortiça - utilizada para o fabrico de isolantes térmicos, vestuário, carteiras, calçado e rolhas. Portugal é o maior produtor mundial de cortiça, sendo que a cortiça portuguesa é responsável por 50% da produção mundial.

O sobreiro é património nacional em Portugal, está legalmente protegido, é proibido o seu abate e, ainda, é considerado a 'Árvore Nacional de Portugal' desde 2011. Esta classificação está directamente relacionada com a grande importância económica, social e ambiental que representa para o país.

O sobreiro é considerado pela WWF (World Wildlife Fund) como das espécies mais ameaçadas e emblemáticas de Portugal.

Em 2018, o sobreiro de Águas de Moura, Palmela, mais conhecido por "Whistler Tree" (O Assobiador), com 240 anos, o mais produtivo de Portugal, foi eleito a Árvore Europeia do Ano.

Fotografia: Mariana Costa



Tomilho de creta (*Thymbra capitata*)

Pequeno arbusto, que pode ir de 20 a 50 cm de altura, é uma das espécies variantes do tomilho (*thymus vulgaris*). Em Portugal, encontra-se sobretudo na Arrábida, na região de Lisboa e barrocal algarvio. É uma planta aromática, sendo as suas folhas e caules são utilizados como condimento na cozinha mediterrânica. Além de atrair borboletas, abelhas e outros insetos, afasta a lagarta das couves.

O chá de tomilho possui propriedades sedativas que ajudam a reduzir ansiedade, fadiga e depressão, limpeza bucal, dores de garganta e amigdalite. O óleo de tomilho é anti-bacteriano e antioxidante, além de proporcionar alívio à dores no corpo. Devido à sua capacidade de desobstruir as vias respiratórias, é comum encontra-lo como ingrediente principal nos xaropes contra a tosse.

Na Antiguidade, o tomilho era considerado uma planta sagrada. Conhecido dos egípcios, era utilizado no processo de embalsamento, tendo sido encontrada uma variedade da planta no túmulo de Tutankhamon. Para os romanos, o tomilho simbolizava a força e, entre os gregos, era muito apreciado na medicina, na culinária e fabrico de mel.

Fotografia: Mariana Costa



Zambujeiro (*Olea europaea var. sylvestris*)

Também conhecido por 'oliveira brava', é uma subespécie da oliveira. A sua madeira é um excelente combustível, os seus frutos apreciados por vários animais e o azeite que se produz a partir destes, pode ser utilizado para fins culinários e medicinais.

Esta espécie tem grande longevidade, sendo vários os exemplares milenares existentes em Portugal.

Fotografia: Mariana Costa



Fauna

É inquestionável a biodiversidade que encontramos no Parque Natural da Serra da Arrábida, contudo, é necessário ter em conta a forma como o ser humano pode perturbar isso.

Por isso mesmo, torna-se essencial dar a conhecer ao visitante as espécies que pode encontrar nesta região e os perigos que enfrentam contra o ser humano, e não só.



Abelharuco (*Merops apiaster*)

Também conhecido como 'abelheiro' ou 'abelhuco', são aves de médio porte, com um bico longo e curvado. A sua plumagem é bastante colorida, variando de acordo com a espécie. Alimentam-se de insetos, mas principalmente de vespas e abelhas - daí o seu nome.

Embora seja uma espécie comum em algumas regiões do nosso país, não é muito abundante a nível mundial. São aves migratórias que vivem a maior parte do ano em latitudes elevadas, migrando para zonas tropicais e subtropicais na época de reprodução. Percorre grandes distâncias, o que provoca grandes níveis de mortalidade e, por esta razão, é uma espécie protegida por diversos acordos e legislações internacionais, como a Convenção de Berna, a Directiva Comunitária 74 / 409 / CEE e a convenção de Bona.

As presas são caçadas em voo e antes de ingerir a sua refeição, o abelharuco retira o ferrão do insecto esmagando-o contra uma superfície dura.



Fotografia: José Diogo

Águia de asa redonda (*Buteo buteo*)

É uma das aves de rapina mais comuns em toda a Europa e a cor da sua plumagem é muito variável, desde quase branco a castanho-escuro. É possível perceber a idade da ave através dos olhos, que começam por ser castanhos, muito pálidos, e que escurecem com o avançar da idade.

Alimenta-se de coelhos, aves, répteis, rãs e de carcaças de animais. Não lhe são conhecidos predadores naturais.

Antes de acasalar o macho executa acrobacias e mergulhos espetaculares, onde entrega à fêmea, em pleno voo, materiais para a construção do seu ninho.

Embora seja uma espécie abundante, tem várias ameaças, entre as quais se destacam electrocussão, abate ilegal, pilhagem de ninhos, incêndios florestais e atropelamento.

Fotografia: Armindo Ferreira



Águia de Boneli (*Hieraaetus fasciatus*)

Também conhecida como 'águia perdigueira', constitui uma espécie de proteção especial em perigo de extinção, foi classificada em Portugal com o estatuto de conservação "raro", como se comprova no 'Livro vermelho dos vertebrados de Portugal continental' e, na União Europeia, com o estatuto de conservação prioritário.

É difícil observar esta ave, apesar da sua grande dimensão (pode chegar aos 60 cm), mas é possível identificá-la sobretudo pelo ventre branco, contrastando com as asas mais escuras. Alimenta-se sobretudo de coelhos, pombos e outras aves mais pequenas.

É na Arrábida que se encontra o único casal de águias de Boneli a nidificar na costa portuguesa.

Fotografia: Luís Malheiro



Bufo real (*Bubo bubo*)

A maior das rapinas nocturnas portuguesas, capaz de ter uma envergadura de asas com 2 metros, o bufo-real é uma das espécies mais cobiçadas pelos observadores de aves, mas nem sempre é fácil de encontrar. Alimenta-se de ratos, ratazanas, gaivotas, patos, lebres e inclusive de outros bufos e aves de rapina e é uma espécie monogâmica, a relação do casal é permanente - ambos os progenitores cuida das crias.

Distingue-se facilmente pelos dois tufos de penas que tem no alto da cabeça, e pelos seus olhos cor de laranja. O seu canto "Uhu" pode ser ouvido a vários quilómetros de distância - sendo que é mais fácil ouvi-lo durante os meses de Inverno.

É uma espécie que tem sofrido alguma regressão, devido essencialmente à perseguição humana, perda de habitat, electrocussão, diminuição da população das suas presas (nomeadamente o coelho bravo), instalação de parque eólicos, falta de sensibilidade ambiental...



Fotografia: David Santos

Coelho bravo (*Oryctolagus cuniculus*)

Animal nocturno, habita em bosques e matos e é herbívoro, adaptando-se aos recursos disponíveis (no inverno, alimenta-se de raízes e caules). Trata-se de uma espécie que faz parte de diferentes cadeias alimentares - incluindo predadores com estatuto de espécie rara ou em perigo de extinção. Consequentemente, qualquer estratégia de recuperação destes predadores passa necessariamente pela recuperação das suas populações das suas presas - o que inclui o coelho bravo.

Os coelhos bravos vivem em colónias, organizando-se em numerosas tocas comunitárias, que por sua vez, estão ligadas entre si por extensas galerias com várias entradas e saídas.

Infelizmente, enfrenta alguns desafios à sua sobrevivência: o seu habitat está a ser ocupado e destruído (seja para a prática de agricultura, como pela construção de estradas), caça ilegal, propagação de doenças, atropelamento...

Classificada como uma espécie quase ameaçada, a caça ao coelho-bravo é proibida em Portugal durante longos períodos do ano.



Fotografia: Armando Caldas



Doninha (*Mustela nivalis*)

De corpo fino e comprido, com patas curtas, é o menor carnívoro da Europa e existem várias sub-espécies, de acordo com a região em que se encontram. Em Portugal, são castanhas no dorso e branca no ventre. São animais solitários e agressivos contra os da sua própria espécie. Alimentam-se de outros mamíferos, como ratos e coelhos, e também de ovos e répteis. Em Portugal é uma espécie não ameaçada, mas incluída nas espécies cuja sobrevivência pode estar ameaçada se não se adotarem especiais precauções.

Fotografia: Francisco Bernardo



Falcão peregrino (*Falco peregrinus*)

Constitui uma ave de rapina diurna de médio porte, e o que a diferencia das outras aves de rapina é o facto de se especializar no voo em velocidade. É uma espécie que se alimenta sobretudo de outras aves, que alcança facilmente durante o voo - o choque que a presa leva ao ser atingida pelo falcão é bastante forte, e resulta, na maioria das vezes, à morte imediata.

Esta espécie enfrenta algumas ameaças, entre elas: o envenenamento por insecticidas (com os quais entra em contacto através da gordura da suas presas, e que provoca enfraquecimento da casca de seus ovos e esterilidade), abate a tiro, roubo dos seus ovos e crias para venda ilegal, electrocussão, colisão fios elétricos, e ainda, corre o risco de contrair doenças transmitidas pelos pombos. É também de salientar que o seu habitat tem sido degradado, nomeadamente pela criação de infraestruturas, ocupação humana e atividades de turismo em regiões próximas dos seus ninhos.

O seu estatuto de conservação em Portugal está definido como "Vulnerável", com população muito reduzida entre 75 e 110 casais.

Na idade média a posse destas aves chegou a ser autorizada apenas aos príncipes e duques da corte, funcionando como um indicador de estatuto social.

Fotografia: Anita Ritenoir



Gato bravo (*Felis silvestris*)

É um carnívoro de porte médio, bastante semelhante ao gato doméstico, mas com feições mais robustas - a cabeça é maior, o focinho mais curto e, geralmente, têm olhos verdes. A principal característica que o distingue do gato doméstico é a sua cauda grossa e tufada, com anéis pretos e terminando numa ponta negra. Ao contrário de muitos gatos-domésticos, a pelagem do gato-bravo não tem pintas.

É um animal tímido, solitário e esquivo, de hábitos noturnos e difícil de observar na natureza. Alimenta-se principalmente de pequenos mamíferos como ratos, aves, coelhos e lebres. Existem 5 sub-espécies do gato bravo pelo mundo.

Encontra-se ameaçado pela caça furtiva, destruição de habitats e diminuição das suas presas naturais.

O seu maior perigo é a hibridação da sub-espécie selvagem, com o gato-doméstico, que pertence a outra sub-espécie.

Em Portugal tem o estatuto de conservação indeterminado, ou seja, é uma espécie que se sabe estar ameaçada, mas para a qual a informação é insuficiente para identificar a categoria apropriada. É uma espécie estritamente protegida, como ficou decidido na Convenção de Berna.

Fotografia: Gonçalo Rosa



Gineta (*Genetta Genetta*)

É uma espécie trepadora, muito flexível e ágil, que possui uma elevada capacidade visual, auditiva e olfactiva, permitindo que se aproxime em silêncio das suas presas, sendo por isso uma boa caçadora. Alimenta-se de insetos, mamíferos pequenos, lagartos, aves, répteis, peixes, escorpiões e algumas plantas e frutos.

Enfrenta, contudo, algumas ameaças: caça para consumo humano, ou para obter a sua pele (utilizada para fins decorativos, tapetes...), armadilhagem, perda de habitat causada pela urbanização e pelo turismo.

Fotografia: Jorge Falagán



Guarda rios (*Alcedo attis*)

Também conhecido como 'pica peixe', referência à sua alimentação baseada apenas em peixes, habita zonas florestadas, preferencialmente junto de rios ou lagos. São aves de pequeno a médio porte (10 a 46 cm de comprimento), de plumagem colorida, com tons azuis, verdes, ventre cor de laranja e um bico longo. Pousa em ramos, nas margens dos rios, à espera do momento certo para atacar. Caça por emboscada, espera até avistar um peixe que esteja ao seu alcance, mergulha, ataca, voa para o seu poleiro e bate com a presa num ramo, para a atordoar.

A União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais lista 24 espécies de guarda-rios como "vulneráveis" ou "em perigo". Estas aves encontram-se ameaçadas pela redução de habitat, poluição dos rios e envenenamentos por pesticidas.

Fotografia: Antunes Carlos



Javali (*Sus crofa*)

O seu nome deriva da palavra árabe 'djibali', que significa 'porco do mato'. Tem o corpo robusto, patas relativamente curtas, cabeça triangular e olhos pequenos. O seu pêlo é rijo e, quando filhotes são cor de terra com listas negras, o que os ajuda a camuflar - com o avanço da idade, a pelagem escurece. Adoram tomar banhos de lama, que ajudam a regular a sua temperatura corporal, uma vez que estes não soam, e são igualmente importantes na vida social do javali, especialmente na época do cio.

Possuem músculos muito fortes no pescoço, o que lhes permite cavar buracos, revolver terra e levantar pedras, em busca de comida. É um animal onívoro, que come raízes, frutos, bolotas, castanhas, minhocas, insetos, ovos e até animais mortos.

Algumas questões preocupantes giram em torno deste animal: o facto de poder cruzar-se com o porco doméstico poderá vir a trazer problemas de hibridação, o prejuízo que provoca nos terrenos agrícolas, atropelamentos e não tem predadores naturais (excepto no norte, onde ainda existe o lobo). Contudo, a sua crescente proximidade às hortas e aldeias deve-se à falta de alimento na floresta, consequência da monocultura do eucalipto e do pinheiro, e ainda, dos incêndios.

Fotografia: Rui Pereira



Lebre (*Lepus granatensis*)

A lebre é um animal solitário, à exceção do período de cio, e vive em tocas pouco profundas. São mamíferos herbívoros e a sua capacidade de corrida e camuflagem permite confundir os seus predadores. Uma das características mais distintivas das lebres é o tamanho das suas orelhas - que podem ficar maiores que a sua cabeça. Com as suas patas traseiras longas e resistentes, são animais muito ágeis. Tem-se notado um declínio no número de lebres em Portugal, infelizmente, graças à concorrência por alimento com outros herbívoros, industrialização da agricultura que evita as lebres de se alimentarem, a fragmentação do seu habitat, doenças virais e o aumento do número de raposas - um dos seus principais predadores, e ainda a caça (seja pelo seu pelo ou carne).

Fotografia: Joaquim Coelho



Lontra

Animal carnívoro, de porte médio e semiaquático, as principais características deste animal são o corpo alongado, pernas curtas, cauda longa e pelagem densa. Têm, ainda, uma membrana entre os dedos para facilitar o deslocamento dentro de água. Alimenta-se maioritariamente de peixe, mas também de anfíbios, caranguejos, pequenos mamíferos e insetos. Os olhos das lontras adaptam-se às condições dentro e fora de água, permitindo-lhe ver de forma focada as suas presas. A nível global, esta espécie encontra-se ameaçada, e enfrenta alguns perigos: poluição da água tem consequências negativas na saúde deste animal, destruição da vegetação nas margens dos rios (o que reduz as suas condições de abrigo, alimentação e segurança para a espécie), atropelamento, construção de barragens ou desvios do curso de rios (o seu habitat), morte por afogamento em redes de pesca, pressão turística sobre o seu habitat, perseguição por parte de pescadores (a lontra é considerada um competidor do Homem no que se refere aos recursos piscícolas) e caça por desporto (pela sua carne ou pela sua pele, apesar de ser ilegal a sua comercialização).

Fotografia: Nadezda Murmako



Osga (*Tarentola mauritanica*)

Réptil com a capacidade de se deslocar em paredes, e é vulgarmente encontrada em Portugal, é de tamanho médio, atingindo cerca de 8,5 cm. Tem um aspecto achatado, com uma grande cabeça bem destacada do corpo, com olhos grandes e redondos.

São muito benéficas pois alimentam-se de moscas, mosquitos, baratas, traças, e de aranhas, contribuindo para o controlo destas espécies. Não é um animal venenoso, ao contrário do que muitas pessoas dizem.

Fotografia: Jiel Beaumadier



Peneireiro vulgar (*Falco tinnunculus*)

É uma espécie de falcão, de dimensão média, com asas e cauda compridas. Possui uma cabeça acinzentada, bico curto e curvo, e o seu corpo coberto de tons acastanhados. Bastante comum em Portugal Continental, encontra-se nas zonas agrícolas, e na periferia das cidades.

Caracteriza-se pela capacidade de “peneirar”, isto é de permanecer voando parado sobre um determinado ponto no solo, o que ajuda na deteção e captura de suas presas. Auxiliar precioso do agricultor, alimenta-se de ratos, insetos e, por vezes, de pequenos répteis, rãs, vermes e pequenos pássaros. Não constrói ninho: ocupa ninhos abandonados de outras aves de rapina.

Fotografia: José Diogo



Pisco de peito ruivo (*Erithacus rubecula*)

O pisco de peito ruivo é uma pequena ave, com cerca de 15 cm, bastante comum em Portugal. É bastante fácil de se identificar, pela mancha cor de laranja que tem no peito e face, mas também pelo seu canto melódico. Esta espécie é monogâmica e territorial.

Esta ave não suscita quaisquer preocupações no que diz respeito à sua conservação, tanto a nível nacional como internacional, mas está protegido por lei.

Na Primavera e Verão é essencialmente insectívoro, e durante o Outono e Inverno torna-se frutívoro. Alimenta-se então das bagas de zambujeiros (ou oliveiras), aroeiras, medronheiros, madressilvas e folhados, entre outros.

Fotografia: Francisco Calado



Raposa (*Vulpes Vulpes*)

São mamíferos de porte médio, caracterizados por terem um focinho alongado e fino, uma cauda longa e peluda e orelhas erectas. Outras características variam segundo as adaptações ao habitat onde esses animais vivem, por exemplo, o feneco (raposa do deserto), possui o seu corpo pequeno, pelagem curta e orelhas grandes, que ajudam a irradiar o calor.

Alimenta-se sobretudo de pequenos roedores, coelhos, aves, peixes, frutos silvestres e insetos - excesso de alimento é armazenado pela raposa para consumo posterior, geralmente enterrado no solo.

As raposas podem viver de 10 a 15 anos, contudo a maioria apenas sobrevive 2/3 anos graças a atropelamentos, doenças e à caça - que é considerada tradição em alguns países. No caso da Inglaterra, esta prática foi abolida em 2005, por constituir uma violação aos direitos dos animais. Contudo, a comercialização das suas peles incentiva a que outros países, como é o caso de Portugal (onde é permitida), continuem esta prática. Nos últimos anos, têm surgido iniciativas para a abolição da mesma.

Fotografia: Luís Campos



Sacarrabos (*Herpestes ichneumon*)

Animal carnívoro que foi provavelmente introduzido na Península Ibérica pelos árabes, sendo que é originário da Etiópia. Em Portugal, é mais comum na metade sul do País. O sacarrabos apresenta a pupila horizontal, caso raro nos mamíferos. É conhecido pela sua capacidade de capturar cobras, é resistente ao seu veneno, e pela sua forma peculiar de deslocação em grupo. Também captura pequenos roedores, aves, répteis, coelhos e lebres. Quando caçam em grupo, os sacarrabos rodeiam a presa, deixando-a sem oportunidade de escapar. Quando em andamento, as crias seguem sempre a mãe em fila indiana, com o focinho por baixo da cauda do que as precede - daí o nome de 'sacarrabos'. Venerado desde o Antigo Egito como o "rato dos faraós" devido à sua capacidade de devorar ovos de crocodilo e combater cobras, existem registos que indicam que este animal poderá ter sido domesticado no Norte de África, para combater roedores.

Fotografia: Pedro Narra



Texugo (*Meles Meles*)

É um mamífero carnívoro, social, comum em Portugal e facilmente reconhecível. Tem hábitos noturnos e as suas características mais distintas são duas listas negras em cada lado da cabeça, que é branca. Tem o focinho alongado, cauda curta, cinzenta e com a ponta branca. As suas patas têm garras, que lhes são úteis para escavar. É um animal omnívoro, alimentando-se sobretudo de frutos (azeitonas, bolotas, figos), insetos e pequenos roedores.

Esta espécie faz parte do anexo III da Convenção de Berna (espécie parcialmente protegida, sujeita a regulamentação especial) e em Portugal a sua caça está proibida desde 1986.

Contudo, enfrenta alguns perigos: fragmentação do seu habitat (seja pela urbanização, construção de vias e desflorestação) e risco de atropelamento.

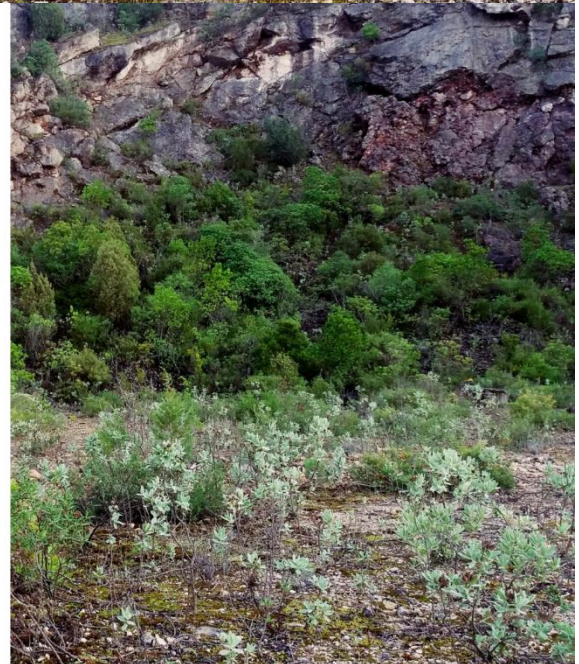
Acredita-se que os texugos enterram os 'seus' mortos. Há casos de indivíduos que morreram dentro das tocas e que foram sepultados dentro destas pelos restantes membros do grupo. Foi também observado um texugo que morreu e foi arrastado por outros indivíduos do grupo, que escavaram um buraco e depois o enterraram lá dentro.

Fotografia: Diogo Carvalho



Fontes

Aves de Portugal - avesdeportugal.info
Associação Portuguesa da Cortiça - apcor.pt
Ambiente - visao.sapo.pt
Associação Nacional de Conservação da Natureza - quercus.pt
Árvores e arbustos de Portugal - arvoresearbustosdeportugal.com
Árvore do ano - portugal.treeoftheyear.eu
Flora Digital de Portugal - jb.utad.pt
Flora de Portugal interativa - flora-on.pt
Flora da Serra da Arrábida - floradaserradaarrabida.blogspot.com
Infomações sobre a Serra da Arrábida e Estuário do Sado - pan.com.pt
Jardim Gulbenkian - gulbenkian.pt
Medicina natural - medicinatural.com.br
Mata nacional de Leiria - turismodocentro.pt



NaturData Biodiversidade online - naturdata.com
Natureza, National Geographic Portugal - nationalgeographic.sapo.pt
Naturlink ligação à Natureza - naturlink.pt
Natural Portugal - natural.pt
Plano setorial da Rede Natura 2000 - www2.icnf.pt
Portugal selvagem - portugaselvagem.wordpress.com
Parque Natural da Arrábida - azeitao.net
Plantar Portugal - plantarportugal.org
Plantas medicinais - diadesaude.com
Plantas medicinais - educarsaude.com
Remédios caseiros - tratamentocaseiro.net
Secção de Turismo da Câmara Municipal de Palmela - turismo.cm-palmela.pt
Sociedade Portuguesa para o desenvolvimento da educação e turismo ambientais - seta.org.pt
Toda a biologia - todabiologia.com
União da floresta mediterrânica - unac.pt



Botelho, F. (2015) Uma mão cheia de plantas que curam – 55 espécies espontâneas em Portugal. DINALIVRO.
Boeiro, M. (2014) Plantas para curar e para comer. Rotas da Paz.
Millanvoye, G. (1990) Mini-eciclopédia das Medicinas Naturais. Círculo de Leitores.
Património Natural do Concelho de Palmela, pela Câmara Municipal de Palmela, Gabinete do ambiente, Divisão de informação e RP
Rodrigues, J. (2004) Guia prático - Ervas aromáticas e plantas medicinais. Impala.



Anexo 6. Tabela-resumo das respostas das entrevistas

Perguntas	Respostas
<p>2. Porque é que integrou? Quais as suas motivações e interesses?</p>	<p>“O lugar em si”</p> <p>“Explorar outras formas de estar, de viver, de conceber”</p> <p>“As melhores práticas internacionais”</p> <p>“Um espaço de experimentação”</p> <p>“Beber de diferentes exemplos e diferentes experiências”</p> <p>"Onde diferentes ideias, diferentes tecnologias e possibilidades se encontram"</p> <p>“O objetivo da Biovilla em si é uma coisa que me agrada bastante”</p> <p>“Trabalha com os três pilares de sustentabilidade”</p> <p>“O conceito da sustentabilidade interessa-me bastante”</p> <p>“Acredito na visão, missão e valores desta instituição e sinto que deveria contribuir"</p> <p>"Poder participar num projeto que desenvolve ações concretas e importantes para defender e incentivar a biodiversidade, o respeito pela natureza e a entreaajuda entre as pessoas”</p> <p>“Os valores correspondiam aos valores pessoais que tenho”</p>
<p>3. 1. Qual foi o seu investimento?</p>	<p>“Por me ter entregado de coração a este projeto, nunca me faltou nada”</p> <p>“Quem está na liderança acaba por trazer as suas próprias mais-valias e vontades”</p>

	<p>“Todas as minhas capacidades de gestão, comunicação, de cozinha, criatividade, limpeza”</p> <p>“Todas as minhas mais-valias, contributos que posso dar enquanto pessoa”</p> <p>“Dei muito à Biovilla, foi um bocadinho como uma criança, dei tudo”</p> <p>“O meu investimento, até agora, creio que é o meu interesse e entusiasmo por tudo”</p> <p>“Sinto que aquilo que invisto aqui é também aquilo que recebo”</p> <p>“Dá pra dizer que o investimento emocional também esteve presente”</p>
3. 2. Qual é o retorno?	<p>“A Biovilla, apesar de nunca me ter pago diretamente, pagou-me indiretamente”</p> <p>“Colher muitos frutos deste <i>know-how</i> que a Biovilla me deu”</p> <p>“A riqueza do que se ganha é contribuir para causas deste tipo”</p> <p>“Recebi muita coisa, a todos os níveis”</p> <p>“Permitiu-me não só testar imensas teorias, conceitos, aprender imenso”</p> <p>“Poder fazer parte dum projeto desta dimensão, no qual eu acredito”</p> <p>“Todos os contactos que permite ter com pessoas que estão no mesmo percurso, no mesmo caminho, pessoas que têm informações relevantes para aquilo que eu quero fazer e seguir na minha vida”</p> <p>“Aprender, no fundo”</p>

	<p>“O retorno foi a oportunidade de estar num espaço com uma dinâmica comunitária”</p> <p>“Experiência enriquecedora e nova”</p> <p>“O retorno também passou muito pelo campo profissional”</p> <p>“Retorno não é claramente financeiro mas sim de dever cumprido com o ambiente e a sociedade”</p> <p>“Ganhei conhecimentos sobre agricultura”</p> <p>“Recebi muitas lições e pude entender melhor quais caminhos eu mesma poderia encontrar no futuro profissional e pessoal”</p>
<p>4. Quais são os maiores desafios que a Biovilla enfrenta?</p>	<p>“Desafio do ponto de vista de escala, ou seja, conseguirmos chegar à nossa escala de alojamento, e por sua vez, escala económica apropriada, que permita otimizar o investimento que aqui foi feito”</p> <p>“Conseguirmos estar mais saudáveis e mais sustentáveis - do ponto de vista humano, e do ponto de vista financeiro”</p> <p>“Aumentando o alojamento, e aumentando algumas das nossas áreas e tendo maior capacidade de receber cá pessoas, voluntários e estagiários, aumentamos a capacidade humana de resposta e também, naturalmente, de faturação”</p> <p>“O facto de ser uma cooperativa sem fins lucrativos e não ter verba, digamos assim, para ter uma equipa”</p> <p>“Tem necessidade de trabalho, mão-de-obra e recursos humanos”</p> <p>“Falta de água, por estarmos numa zona muito árida”</p>

	<p>“O facto de estarmos no Parque Natural da Arrábida e haver muitas restrições de construção”</p> <p>“O maior desafio que a Biovilla enfrenta é a adaptação e consciencialização que tem de ter para criar um modelo de negócio rentável e sustentável”</p> <p>“Falta de verba para contratação de funcionários fixos”</p> <p>“Os problemas estão conectados”</p> <p>“Gerir diferentes pessoas, com diferentes expetativas, com diferentes necessidades, com diferentes, também, mais-valias para dar ao projeto (...) ainda não encontrámos o modelo certo”</p> <p>“Cada pessoa que passa por cá deixa, efetivamente, a sua marca”</p> <p>“A forma de conversar, forma de passar o trabalho”</p> <p>“A comunicação teria que mudar muito”</p> <p>“O projeto passa por uma fase confusa na relação com sua equipa, visto que essa desordem se reflete diretamente na relação com o pessoal”</p>
<p>5. Quais as suas expetativas para o futuro da Biovilla?</p>	<p>“A Biovilla vai conseguir progredir bastante”</p> <p>“Podemos estar num patamar ainda muito melhor”</p> <p>“Infraestrutura aqui de base mais melhorada, mais consistente, mais estruturada, com mais recursos humanos, possamos no futuro ter um impacto na comunidade bastante superior”</p>

	<p>“Infraestrutura melhor, mais quartos eventualmente, com espaços para eventos maiores”</p> <p>“Sistema de recolha de água da chuva”</p> <p>“Levar essa mensagem a cada vez mais pessoas”</p> <p>“Pode-se tornar um exemplo a seguir para pessoas que procuram novas ideias”</p> <p>“O produto Biovilla vai ser reconhecido como referência”</p> <p>“Futuro da Biovilla precisa ser de grande crescimento, para ser uma colaboração social e ambiental incrível para a região e aproveitar a visibilidade do projeto para mostrar ao mundo que existem alternativas viáveis para aliar o turismo, o conforto, a alimentação saudável e a sustentabilidade do meio ambiente ao redor”</p> <p>“Cada vez mais lixo zero, biológico a 100%, fechar cada vez mais o ciclo”</p> <p>“Alavancar transformações sociais”</p> <p>"Que ganhe a escala, a maturidade, a força, a confiança e conhecimento, para realmente ser um ator fundamental no futuro desta zona, desta região”</p> <p>“Minha maior expectativa é que a Biovilla cumpra um dos seus objetivos e se expanda para além da Arrábida, assim vamos poder ter escala para crescer e fazer cada vez mais e melhor”</p> <p>“Diversificar da oferta de serviços”</p> <p>“Estamos a montar também neste momento uma mercearia biológica na Biovilla”</p>
--	---

	<p>“Vamos ter também <i>coaching</i>, consultas de psicoterapia, portanto, espero que cada vez mais que consigamos acolher ou receber pessoas de um número de áreas”</p> <p>“Espero que os colaboradores se abram para ideias novas, para que possam seguir cada vez rumos diferentes que ajudem o projeto a se adequar a realidade presente”</p>
<p>6. Que conselhos daria a alguém que esteja a pensar criar algo do mesmo género?</p>	<p>"Tem de se acreditar muitíssimo nisto"</p> <p>"Tem que ser mesmo muito sincero por parte de quem vai construir esse projeto"</p> <p>"As empresas, as associações, o que for, têm que gerar lucro, para crescerem, darem mais exemplos, para serem melhores, se sustentarem e para darem qualidade de vida àqueles que lá trabalham e integram as equipas"</p> <p>"Tendência de começar a ir buscar temáticas e coisas que não era bem o nosso core inicial"</p> <p>"Passar um tempo connosco"</p> <p>"Viver as nossas dores"</p> <p>"O mais difícil é estarmos bem no meio do caos – essa é que é a parte do empreendedorismo que é preciso aprender, e às vezes é só em contextos reais"</p> <p>"Coragem, não desistir, procurar ajuda, sempre"</p> <p>"Fazer muito bem a escolha das pessoas que temos á nossa volta”</p> <p>"A pessoa estar bastante comprometida, bastante focada e ter, digamos, um <i>drive</i> muito forte"</p>

	<p>"Saber-se rodear das boas pessoas, das pessoas certas e das pessoas que realmente vão conseguir trabalhar para esse sonho"</p> <p>"Um projeto destes tem que ser um projeto virado para servir, servir o mundo, para servir a tua comunidade, para servir as pessoas e acho que é importante a pessoa focar-se em criar impacto"</p> <p>"Garantir que as condições para a pessoa avançar estão lá, ou então pelo menos, a pessoa ter noção dessas necessidades e que trabalhe para isso acontecer"</p> <p>"Não venha para um parque natural, para não ter estas restrições de construção"</p> <p>"Inspirar-se aqui"</p> <p>"Não dar passos maiores que a perna"</p> <p>"Uma coisa de cada vez, da forma que vão podendo, conforme têm recursos, não só humanos, como financeiros para isso"</p> <p>"Diálogo com as pessoas"</p> <p>"Organização"</p> <p>"Que compreendam as leis e regulamentos do lugar"</p> <p>"Considerar a comunidade local e a região"</p> <p>"Não criar um projeto sem antes certificar que existem recursos humanos para o manter vivo e com alma"</p> <p>"Estude o que já existe. Há várias iniciativas (...) que investiram valores e tempo muito significativo e das quais deveremos retirar ensinamentos"</p> <p>"Criar uma equipa, fazer as coisas com gosto, o lugar..."</p>
--	--

	<p>"Realizar um bom estudo de mercado"</p> <p>"Participar em projetos semelhantes"</p> <p>"Estudar mais a fundo em que pontos a Biovilla saiu bem-sucedida e quais pontos que devia tentar fazer diferente"</p> <p>"A Biovilla pode ser uma grande escola"</p> <p>"Qualquer projeto tão inovador passa por diversas fases, enfrenta problemas que não esperava, tem suas dificuldades, mas devemos também saber reconhecer os erros"</p> <p>"Comunicação pessoal - é um problema que a Biovilla infelizmente tem passado"</p>
--	---